



Início
às 14h08min

1ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 9ª LEGISLATURA
ATA CIRCUNSTANCIADA DA 15ª
(DÉCIMA QUINTA)
REUNIÃO ORDINÁRIA
DA CPI PARA INVESTIGAR OS ATOS OCORRIDOS EM 12 DE DEZEMBRO
DE 2022 E 08 DE JANEIRO DE 2023, ESPECIALMENTE CONTRA OS
PODERES DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL,
DE 5 DE JUNHO DE 2023.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Declaro aberta a 15ª Reunião Ordinária da Comissão Parlamentar de Inquérito dos Atos Antidemocráticos, para investigar os atos ocorridos em 12 de dezembro de 2022 e 08 de janeiro de 2023, especialmente contra os Poderes da República Federativa do Brasil.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Informo que esta reunião está sendo transmitida pela TV Câmara Distrital.

A Coordenadoria de Polícia Legislativa fará o isolamento dos assentos destinados aos deputados, no plenário, para uso exclusivo dos parlamentares, dos advogados que estiverem acompanhando os depoentes e dos autorizados por esta presidência. Assessores e demais interessados deverão ocupar as cadeiras dispostas ao fundo ou à galeria. Conto com a colaboração de todos.

Solicito aos deputados que registrem as suas presenças.

Encontram-se presentes os seguintes deputados titulares: deputado Chico Vigilante, deputado Hermeto, deputado Fábio Félix e deputado Pastor Daniel de Castro; e os suplentes: deputado Gabriel Magno e deputado Thiago Manzoni.

Passo à leitura do memorando do deputado Joaquim Roriz Neto:

“À CPI dos Atos Antidemocráticos.

Assunto: ausência em reunião da CPI.

Senhora chefe, de ordem do deputado Joaquim Roriz Neto, comunico que, devido a compromissos assumidos anteriormente, não será possível sua participação na reunião da CPI desta segunda-feira, 5 de junho, prevista para as 14 horas.

Informo ainda que comunicaremos ao gabinete do deputado Thiago Manzoni, membro suplente, a ausência do deputado Joaquim Roriz Neto.

Atenciosamente, Tatiana Rodrigues Drumond, chefe de gabinete.”

Tendo em vista o recebimento deste memorando, o deputado Thiago Manzoni assume a condição de titular nesta reunião.

Item I – Comunicados.

Relator, V.Exa. tem algum comunicado a fazer a esta CPI?

DEPUTADO HERMETO – Não, Presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quero informar que, de acordo com o calendário de oitivas para o mês de junho, ouviremos, hoje, o senhor Marcelo Casimiro Vasconcelos Rodrigues, coronel da Polícia Militar do Distrito Federal.

Tivemos que cancelar a oitiva, prevista para hoje, do coronel Paulo José Ferreira de Souza Bezerra, pois ele apresentou atestado médico e não poderá comparecer a esta CPI. Vamos esperar o coronel Paulo José estar em melhores condições de saúde para marcar uma nova data para ele vir prestar os esclarecimentos necessários.

Dia 15 de junho, ouviremos o general Marco Edson Gonçalves Dias, ex-ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República. Dia 22 de junho, ouviremos o senhor Alan Diego dos Santos e, dia 29, o coronel Klepter Rosa Gonçalves, comandante-geral da Polícia Militar do Distrito Federal.

Hoje não há matéria para votação.

Item II – Oitiva de depoente.

Oitiva do senhor Marcelo Casimiro Vasconcelos Rodrigues, coronel da Polícia Militar do Distrito Federal, que se encontra presente e devidamente qualificado pela Coordenadoria de Polícia Legislativa desta casa de leis.

Convido a comparecer a este plenário o senhor Marcelo Casimiro Vasconcelos Rodrigues, coronel da Polícia Militar do Distrito Federal. O requerimento que trata desta convocação é o Requerimento nº 117/2023, de autoria do deputado Fábio Félix.

Peço que o coronel se dirija ao plenário.

(Pausa.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel Marcelo Casimiro Vasconcelos Rodrigues, esclareço que o senhor está diante de uma comissão parlamentar de inquérito na condição de testemunha e, como tal, tem o dever de dizer a verdade, sob pena de incorrer em crimes previstos no art. 342 do Código Penal. Apesar disso, caso o senhor entenda ter envolvimento com os fatos ora investigados, terá o direito de permanecer em silêncio, de não produzir provas contra si mesmo e de ser assistido por um advogado.

O senhor está acompanhado por advogado, coronel?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Sim. Doutor Mário.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Doutor...?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Mário. Aqui, à minha direita.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Doutor Mário, muito obrigado.

Coronel, como é de praxe, eu vou iniciar com questionamentos que eu tenho a fazer ao senhor. Eu pergunto: que cargo o senhor ocupava no dia 8 de janeiro de 2023? Quando assumiu tal posto na Polícia Militar do DF? Quais são as atribuições do 1º Comando de Policiamento Regional – CPR e qual é a área em que esse CPR deve fazer o policiamento preventivo e operacional? Quais batalhões da PM estavam sob seu comando? Qual efetivo o senhor comandava?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Ok. Primeiramente, boa tarde a todos. Boa tarde, presidente. É bom eu estar aqui para a gente poder esclarecer muitas coisas. Sou muito calçado na verdade. Antes de responder à pergunta, se o senhor me permite, eu gostaria de fazer uma breve apresentação da minha vida profissional, e respondo às perguntas. Então, eu entrei na academia em 94 – na academia de polícia. Sou filho de policial militar, soldado da polícia. Meu pai entrou aqui, na Polícia Militar, em 69, no início de Brasília. Então, sou a segunda geração de policial militar. O meu sonho era ser policial militar desde criança, brincando com carrinho de polícia, boina do meu pai – era o meu sonho. Eu entrei na academia com muito custo. Estudei em escola pública. Meu pai não tinha muita condição – naquela época, soldado não ganhava bem. Então, tinha bastante dificuldade financeira. Às

vezes – até algumas vezes –, a gente poderia até passar fome naquela época. Depois, graças a Deus, no dia de hoje, não é assim. Aí, fui galgando. Eu trabalhei como tenente na Asa Norte, 3º Batalhão; tenente no 1º Batalhão, Asa Sul, que faz parte do 1º CPR. Trabalhei como capitão no 1º Batalhão, comandante de companhia. Fui subcomandante do 1º Batalhão em 3 comandos diferentes, trabalhei... e fui para o 1º CPR em maio – respondendo a uma das perguntas – do ano passado. O 1º CPR... Eu tenho uma apresentação que vai esclarecer a estrutura do CPR. Tem um PowerPoint. Se puder passar para mim, por favor.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu vou pedir para passar a sua apresentação e, depois, o senhor vai responder os primeiros questionamentos que eu fiz.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – *Ok.*

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Por favor, passem a apresentação que o coronel trouxe.

(Apresentação de projeção simultânea à fala do orador.)

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Aí, a estrutura... Aquele ponto vermelho lá embaixo é o 1º CPR. Eu estou na linha... Está um pouco pequeno, mas estou na linha de outros comandos regionais. São 6 comandos regionais, mais 3 especializados. Então, ali dá para ver que eu sou... Tem o Comando-Geral, aquele primeiro quadro vermelho, o Subcomando-Geral, o DOP. Eu estou subordinado ao DOP. Então, na linha ali, eu sou o quarto na hierarquia, vamos dizer assim. Pode passar? Eu vou ser bem breve. O 1º CPR é composto por 6 batalhões: o 1º Batalhão – Asa Sul; o 3º Batalhão – Asa Norte; o 5º Batalhão – Lago Sul, que cuida das embaixadas também; o 6º Batalhão, essa área central, que faz a Vila Planalto; o 7º Batalhão – Sudoeste, Cruzeiro, Octogonal; e o 24º Batalhão é do Lago Norte. Esse é meu comando. Ele tinha, respondendo à pergunta do senhor, em torno de 900 policiais para o policiamento diário ordinário. Eu não sei hoje, porque eu fui exonerado no dia 10. Parece que acrescentaram mais policiais para o 6º Batalhão. Então, não sei quantos policiais estão agora no comando. Pode passar, por favor. É importante diferenciar... Eu vou ser bem breve, deputado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não, fique à vontade. Nós queremos que o senhor esclareça tudo, porque nós estamos em busca da verdade.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso. É importante esclarecer a estrutura do comando da operação. Há que diferenciar o 1º CPR, que é o Comando de Policiamento Regional, do comando da operação. Essa é a estrutura do comando do dia 8, do policiamento. Eu não estava comandando o policiamento. É importante fazer essa distinção. Apesar de eu ser o comandante regional, eu sou o responsável por fazer a supervisão, a coordenação, o monitoramento. Estava fazendo isso, inclusive, na minha folga. Eu trabalhei bastante. No dia da operação, o major Flávio, Flávio Alencar, era o comandante da operação. Não era eu o comandante da operação. Eu estava em casa – ou seja, relaxado, de bermuda, com a minha família – acompanhando – porque eu não sou uma pessoa omissa – as notícias. Então, ele tinha um policiamento comandado pelo major, uma companhia a comando de capitão, que era do meu comando. Outra companhia operacional... Um esclarecimento: o que é uma companhia operacional? São 54 policiais. Quando a gente emprega policiamento em operações, a gente fala de companhia operacional: 1 capitão, 3 tenentes e aí vêm subtenentes, sargentos, cabos, soldados, totalizando 54 policiais. Então, do meu comando, tinha 1 capitão e 1 companhia operacional. O Flávio Alencar, por determinação do DOP, mandou que eu escalasse o comandante da operação, e eu escalei verbalmente. E ali tinha as companhias que eram os alunos, que são 4 companhias, e os batalhões especializados, que são de choque, Rotam, de cavalaria, de trânsito, todas as tropas especializadas, normalmente comandadas por tenente. Eu não sei quem estava no dia, porque quem tem que saber é o major, e se ligam ao comandante de operação. Pode passar, por favor? Então, que fique bem claro que o departamento operacional, como está no Decreto 10.443, é o responsável por planejar. Eu, simplesmente, cumpria as ordens do departamento operacional. Eu não planejei essa operação. Repito, eu não planejei essa operação. Eu sou um braço do DOP, sou um dos comandos do DOP. Então, tem 6 comandos regionais. Essa operação, por estar no centro de Brasília, era uma operação que era da PMDF. É outra coisa. Que fique bem claro. Isso era

muito bem ajustado dentro da PM. Operações dessa monta... é uma operação da PM, porque envolve efetivo de toda parte da Polícia Militar. Não envolve só do meu comando, até porque eu cuido das cidades, como viram ali, de várias cidades, tem muita coisa acontecendo, muita ordem de serviço, muitos eventos. Então, está ali a missão, o decreto que cuida da obrigação de planejar, e tem ali a subchefia de operações que esteve presente na reunião da secretaria e tinha esse encargo. Pode passar, por favor? Então qual é a minha missão? Supervisionar; coordenar; cumprir as ordens do departamento operacional, as diretrizes; checar. Essa era a minha missão naquele dia, além de cuidar, junto com os comandantes de batalhões – eles nos níveis de decisões deles, e eu no meu –, das cidades, dos crimes que estão acontecendo, da prevenção. Aqui, rapidamente, uma linha do tempo: no dia 8, ali a gente teve vários eventos que aconteceram. Aquelas fotos ali são fotos reais. No dia 8 a gente teve, no aeroporto, uma intervenção ali dos manifestantes. Eu estive lá presencialmente, consegui negociar. A gente abriu as vias do aeroporto. Já era a segunda vez que tinha acontecido isso, porque o coronel Naime esteve em outra oportunidade lá. Nesse mesmo dia, a gente teve uma... Eu saí do aeroporto, desci para a área central, tinha uma manifestação de alunos – acho que isso foi bastante divulgado na mídia –, que cuidava da verba da educação. Só para ter ideia, nesse dia, a gente conseguiu cuidar desse evento. Eram mais ou menos 2 mil e 500 alunos que estavam ali com 120 policiais que a gente deslocou a mando, inclusive com o apoio do DOP, que a gente tem um serviço de voluntário gratificado. Em torno de 120 policiais; a gente fez essa manifestação de 2 mil e 500. Naquela outra ali, em torno de 40 a 50 policiais – não me lembro ao certo. No dia 9, a gente teve... Eu estou mostrando alguns, mas foram vários. Quase todo dia a gente tinha algumas preocupações e a gente tomava várias providências junto com o departamento operacional. No dia 9, o pessoal saiu da frente ali da Presidência da República, no Palácio do Alvorada, e deslocou para a frente do STM. Essa ali é uma foto real, tem a fonte, lá, da notícia. Uma preocupação que a gente teve. Graças a Deus, a gente conteve, fez todo o serviço, e isso era constante. Aconteceu algumas vezes de o pessoal descer para a frente do Palácio do Planalto e depois ter a volta – o que era uma preocupação muito grande da Polícia Militar – minha em especial, porque estava na área – e do DOP. Pode passar. Nos dias 10 e 11 teve 2 manifestações do pessoal da direita, que são pouco comentadas nesse espaço, mas eu queria trazer à memória que a Polícia Militar esteve presente. Eu escalei, junto com o Departamento Operacional, efetivo, e foi tudo tranquilo. No dia 12, junto com o Departamento Operacional, cuidamos da diplomação – também uma operação exitosa, tudo tranquilo. Infelizmente, à noite não foi assim, que teve o fato aí que aconteceu junto à Polícia Federal, à sede da Polícia Federal. Pode passar. Queria salientar aqui a preocupação que eu sempre tive em dar assistência ao presidente Lula, a toda a comitiva, a todos os seus assessores. A maioria deles estava ali num hotel no Setor Hoteleiro Sul, e a gente permaneceu ali 24 horas por dia. Vejam bem, não é fácil você permanecer em um local 24 horas, em um hotel onde ele estava hospedado, e no Centro Cultural do Banco do Brasil. Ficamos ali outubro, novembro, dezembro, sem nenhum problema grave. Teve algumas questões lá, foram administradas. Eu passava praticamente todo dia nesses locais, e eu não era... No meu nível de decisão, eu não precisava passar lá, mas eu fazia questão, porque eu tenho um tenente do batalhão na rua, eu tenho o subcomandante do batalhão, eu tenho o comandante do batalhão, eu tenho o supervisor do meu comando, eu tenho o meu subcomando do meu comando. Então, o meu nível de decisão está lá em cima, mas eu fazia questão, para mostrar para os policiais a importância de manter a ordem ali. E na Esplanada também. A gente manteve a Esplanada fechada 24 horas por dia. A gente permaneceu com policiamento ali. Então, sempre muito atento para que não acontecesse nada. No dia 25, Natal, a gente estava saindo de casa, eu estava saindo com a minha família de casa, e me ligam: "Olha, estão querendo invadir o STF". Eu falei: "Meu Deus! Não pode acontecer." Voltei. Estava ainda na rua onde eu moro, voltei, botei minha farda rapidamente, peguei meu carro, vim para o comando, já fui ligando para um monte de gente. O pessoal: "Não, são os índios que estão ali na frente". Tá, mesmo assim fui para o STF, acionei um monte de gente, acionei o DOP, acionei a especializada... Naquela foto lá, inclusive, sou eu. E aquela outra foto foram prisões que foram feitas lá pela Rotam, naquele dia; foram levados para a 5ª DP. Então, eu nunca fui omissa. Sempre que... E, nesse dia, inclusive, apareceram alguns patriotas ali por de trás, pela S2, naquele estacionamento do STF, e eu delimitiei. Falei: "Olhem, se vocês passarem daqui, vocês vão sofrer as consequências do policiamento. Não passem." E eu nunca

brinquei de fazer segurança pública, nunca brinquei de fazer polícia, nunca descumpri a legislação. Nesse dia a gente conseguiu negociar, houve a presença da segurança do STF, tudo ocorreu... Eles estavam reclamando porque o índio Serere estava preso, e nós conseguimos resolver. E ainda fizemos essas prisões. Eu vou acabar aqui. Essa é uma postagem que eu fiz. Eu fui escalado pelo coronel Naime para ser o comandante da posse presidencial. Eu fiquei dentro do comando móvel. Inclusive o secretário Júlio Danilo esteve presente e passou pelo comando móvel. Alguns promotores militares estiveram presentes, nós os atendemos. O coronel Naime e o comandante-geral, Fábio Augusto, estavam no terreno e, do comando móvel – você tem que tomar uma série de providências porque há câmeras, há várias informações – eu estava comandando o policiamento e fiz essa postagem no meu Facebook, falando que havia cumprido a missão e estava feliz porque estava cumprindo a missão. Detalhe: no dia anterior, houve o *réveillon* na torre perto do Hotel Meliá, hotel onde estava o presidente Lula e o comandante-geral Fábio Augusto falou: "Casimiro, eu estou indo lá para dar uma moral para os policiais". Eu falei: "Vamos juntos". Deixei minha família na virada do ano, dia 29, quando muitas pessoas vão fazer suas festas e tal. Eu deixei minha família, deixei todo mundo e fui lá, passei o *réveillon* nesse local com o coronel Fábio Augusto. Fui para a Esplanada porque mantivemos a Esplanada fechada porque não se podia entrar. Às 3 horas da manhã o coronel me liga: "Casimiro, vamos embora porque estaremos daqui a pouco aqui". "Beleza, vamos." Três horas da manhã saímos de lá. Às 6 horas da manhã, estávamos de volta. E saímos dessa missão às 3 horas da manhã do outro dia. Fizemos a posse do governador, inclusive demos assistência à Câmara Legislativa. Fui eu que coordenei essa parte porque o coronel Naime assim designou. Depois descemos e comandamos o dia 1º, ou seja, na semana anterior eu fui o cara mais elogiado do mundo junto com outros policiais que estavam comigo e outros coronéis, e, na outra semana, infelizmente, houve esse ato desagradável.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel Casimiro, o senhor fez todo o histórico de uma boa segurança, um bom comando feito pelo senhor. O senhor estava presente no dia 12. Pergunto: por que não prenderam nenhum daqueles arruaceiros que depredaram a 5ª DP e que tentaram invadir o prédio da Polícia Federal? Por que ninguém foi preso? Qual a explicação que o senhor tem para isso?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É, naquele dia nós fomos pegos de surpresa, rapidamente. O que aconteceu? As viaturas do 3º Batalhão foram para lá, começou o início do tumulto. O tenente foi para lá e começou a pedir prioridade. Eu liguei para o coronel Naime, ele falou que já estava sabendo e deslocando o Choque para lá. Ele foi para lá. O comandante-geral foi para lá. Eu tomei uma série de providências, ainda fiquei um pouco no comando que fica aqui ao lado, no Sudoeste, e desci para lá. Por que que não foram presos? O coronel Naime explicou bem, é muito difícil, deputado, até tentamos algumas vezes. Eu, em particular...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel, mas há imagem dos caras botando fogo nos ônibus e a polícia ao lado. Por que vocês não prenderam?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu sou acostumado a participar de manifestações aqui em Brasília e vejo a polícia entrar no meio da manifestação e tirar baderneiro que está no meio da manifestação. Como é que havia gente ali tocando fogo em ônibus, jogando botijão de gás aberto no meio da pista, tocando fogo em carro, dizendo que ia invadir o Brasília Shopping e ninguém foi preso?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O que acontece? Fazer prisões com equipamento de choque, capacete, escudo, não é fácil. Outra questão difícil de fazer é chegar perto do local em que estão acontecendo esses fatos, ter um monte de gente correndo e você não ter certeza que aquela pessoa cometeu o crime. Podemos cometer abuso de autoridade se fizermos a prisão de pessoas que realmente não temos certeza que cometeram crime. E outra... Não era prioridade passada pelo coronel Naime, o comandante-geral, fazer as prisões naquele momento. Não que... Se tivesse condições de fazer, faríamos.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Houve uma orientação para que não

houvesse prisões, é isso o que o senhor está dizendo?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, não. Não teve orientação nesse sentido. Mas eu falo que a prioridade nossa era debelar as ações, era cessar, era fazer com que a ordem fosse colocada na... A perturbação da ordem fosse cessada.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – E foi o que aconteceu. Nesse dia, inclusive, como o coronel Naime estava na Asa Norte, perto da Polícia Federal, eu fui para o hotel do... Eu mandei reforçar lá e fui para o hotel. Eu fiquei na parte sul da cidade, porque eu tinha receio de que alguns dos manifestantes fossem para cima do hotel.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bem. Coronel, o senhor comandou o 1º CPR da Polícia Militar do Distrito Federal durante os atos realizados no Sete de Setembro de 2021 e de 2022? O senhor também estava no comando no dia 1º de janeiro de 2023, dia da posse do Presidente Lula? Como foi o planejamento operacional desses eventos? Qual foi o efetivo empregado pela Polícia Militar e, principalmente, o efetivo sob o seu comando empregado nos eventos citados acima?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Do dia...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Dia Sete de Setembro de 2021, o senhor estava lá comandando?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O Sete de Setembro eu também estava comandando.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O Sete de Setembro de 2022 o senhor estava comandando?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – No de 2022 eu estava; no de 2021, não.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E no dia 1º de janeiro de 2023, o dia da posse?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – No dia da posse eu estava lá também.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Como foi o planejamento operacional desses eventos? E qual foi o efetivo empregado pela Polícia Militar do Distrito Federal nesses eventos?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Esses planejamentos são bem complexos. Eles são várias reuniões. Eles são normalmente feitos a nível do departamento operacional. Então, se eu não me engano, foram em torno de 40 reuniões.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor participou dessas reuniões?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, não participei de todas. Eu entrei no final, quando estava fechando o planejamento, quando eu sabia que eu ia comandar – porque eu fiquei sabendo com alguns dias de antecedência. O coronel Naime me avisou que eu ia comandar e aí eu fui me inserindo, para tomar conhecimento de todas as ordens, de todos os acertos, porque envolve acerto com diversas agências, diversos órgãos, órgãos da área federal. Então, quando você está comandando, é importante saber esses detalhes, para não tomar decisões erradas e coisas que já foram acordadas não descumprir e gerar até algum problema de desconforto entre as instituições.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Hoje nós vamos fazer uma série de perguntas para o senhor e o senhor vai ter a oportunidade de esclarecer as coisas. Nós já estamos na 15ª reunião e, de repente, estamos começando a haver a sensação de que ninguém foi responsável por aquilo. Está até já parecendo assim que os... Teve um coronel aqui, o coronel Naime, que disse que encontrou... Ele foi lá no acampamento e tinha um sujeito lá dizendo que era um extraterrestre. Se a gente, na 15ª reunião, as pessoas vêm aqui,

falam, falam, mas nunca apontam, aí, de repente, a gente vai ter que convocar os extraterrestres para depor aqui, para ver se eles explicam alguma coisa, não é?

Portanto, eu repito para o senhor a pergunta: o senhor participou do planejamento do dia Sete de Setembro de 2022?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Do dia Sete de Setembro, eu participei no final, porque eu estava comandando lá o...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E da posse presidencial?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – E da posse eu participei no final, porque eu sabia que ia comandar, mas eu não participei dos planejamentos e das reuniões.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom, mas o senhor comandou?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E no dia 8? O senhor estava no comando?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – No dia 8, eu não estava no comando no terreno, porque há...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sim, mas o senhor estava com a função de comandante?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não estava na função de comandante.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E para quem o senhor delegou o comando naquele dia?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O major Flávio Alencar foi escalado por mim.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O major Flávio Alencar, que era o comandante em exercício do 6º Batalhão. Foi escalado por mim, no final do sábado, verbalmente, por pedido do DOP, que pediu que eu escalasse, dentro dos meus comandantes de batalhão, um oficial para comandar o evento. Como o evento que foi passado para a gente era um evento tranquilo e para a gente estava tranquilo, eu... Nesse dia, inclusive, deputado...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel, mas deixe-me falar uma coisa: já tiveram depoentes aqui, e a gente tem notas de WhatsApp, áudios de WhatsApp... O que o senhor chamou aqui de patriotas, convocando o povo para comparecer à Brasília, dizendo que iriam invadir o congresso e fazer a tomada do poder. Se estavam preparados para fazer a tomada do poder, como vocês iriam supor que era um ato democrático, um ato tranquilo, se estavam chamando para a tomada do poder. A tomada do poder se faz com violência, não se faz rezando. Em canto nenhum do mundo se tomou o poder com reza, por mais que seja braba a reza, não se faz tomada do poder; faz-se com violência. Portanto, eles estavam chamando para um ato violento, por que vocês não tomaram providência?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – A gente escutou muita coisa nas redes sociais. Muitas coisas foram-se ouvidas, muita besteira, vamos dizer assim, desse povo aí que estava ali no Exército, no acampamento. Então, a gente não tinha a informação. A informação de redes sociais, já até foi falado aqui, ela não é um risco de inteligência, uma análise de inteligência. Ela não é uma análise técnica para que seja tomada a decisão. E, nas redes sociais, eu até tenho aqui, depois vou deixar com o senhor, alguns *posts* que a gente recebia, especialmente eu, que falava que aquilo não iria acontecer, que aquilo era *fake*, cuidado com aquilo, ou seja, você ficava na dúvida, e a gente não tinha essa informação de uma análise de risco.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está certo.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Esse eu vejo que é uma das coisas mais importantes que...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Vou fazer uma pergunta para o senhor agora. Ela é bastante longa. Quero que o senhor preste bastante atenção: o ex-subsecretário executivo, delegado Fernando Oliveira, em depoimento a esta CPI, disse que a PMDF falhou. Ele ainda disse que não houve planejamento operacional por parte da PMDF e que nem mesmo uma ordem de serviço foi confeccionada.

O que o senhor tem a dizer sobre isso, pois, segundo consta do PAI – Plano de Ação Integrada, o senhor é que representou a PMDF na reunião do dia 6 de janeiro de 2023, na Secretaria de Segurança Pública? Quais ações foram acordadas e deveriam ser postas em prática pela Polícia Militar do Distrito Federal? A quem cabia confeccionar o planejamento operacional da PM? O que deveria conter de efetivo, de número total de policiais, e qual o local em que eles estariam alocados? Número, viaturas, uso de equipamentos não letais para conter a multidão. E nada disso foi feito.

Eu pergunto: por que nada disso foi feito, coronel?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Vamos lá. A gente não tinha a informação para a tomada de decisão. Essa decisão parte do Departamento Operacional, é ele que aciona os demais comandos. Repito: aquela operação...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem era o chefe do Departamento Operacional?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Naquele momento, era o coronel Paulo José. O coronel Naime estava afastado. Então, as tratativas estavam sendo feitas com o coronel Paulo José. Então, é ele que aciona os efetivos para o terreno. É tanto que no dia lá, do meu comando, tinha uma companhia operacional.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quantas pessoas compunham essa companhia?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Cinquenta e quatro policiais. Pode passar aquela apresentação, por favor, no último *slide*?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Cinquenta e quatro policiais. Era esse o número?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, não. Aí eu vou mostrar para o senhor. Pode passar.

(Apresentação de projeção simultânea à fala do orador.)

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Ali. Está pequeno um pouco, mas ali é o seguinte... Isso foi retirado do relatório preliminar que está num relatório do interventor, está lá, ele é público, as pessoas podem acessar, é um documento oficial do comando da PM. Não fui eu que fiz isso aí, foram outros oficiais que fizeram. Ali está discriminado o quantitativo de policiais.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Isso quer dizer que, de 950 homens que o senhor comandava, nesse dia, tinham em ação 54 policiais?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não. Vamos lá. Deixe-me tentar explicar para o senhor.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sim, explique, por favor.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – A gente tem, primeiro, as cidades. A gente tem que manter o policiamento da cidade. Então, a gente tem o Copol para atendimento de emergência, a gente tem ordem de serviço para cumprir. Esses 950 são o total. Mas aí você tem férias, você tem abono, você tem dispensa médica, você tem policial do curso da carreira, então esse número cai bastante. O efetivo que foi designado para o terreno pelo Departamento Operacional foi uma companhia de pronto emprego do meu comando... O que é companhia de pronto emprego? É aquela mesma companhia operacional, com 54 policiais. O DOP estabelece todo dia duas companhias de pronto emprego. Nesse dia, ele acionou a minha e outra do Comando de Policiamento Especializado. Ele acionou...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Essa companhia ficou posicionada onde, coronel, por que ninguém a viu lá na área?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Aí eu falo para o senhor: como eu não era o comandante no terreno, era o major, é ele que tem que explicar isso para o senhor, porque...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem era o major?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O major Flávio Alencar.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Por favor, cite, de maneira bem pausada, como é o nome desse major que ficou de botar a companhia lá e não colocou?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É, pelas informações que eu tenho, ele colocou. Agora, como ele colocou e como ele distribuiu o efetivo no terreno, aí tem que questionar ele, porque eu não estava lá.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas ele distribuiu. O senhor disse que estava em casa. O senhor disse, no início do seu depoimento, que o senhor estava tão tranquilo que estava em casa de bermuda.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Sim. Eu estava de folga. Eu estava de folga. Eu não...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Pois bem, esse major que ficou de colocar a companhia, o senhor tem indicação em que local da Esplanada ele colocou essa companhia?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Bem, aí tem que perguntar para ele, deputado, mas, assim, ali não foge muito. O esquema de policiamento da Esplanada para manifestação, ele não foge muito. É basicamente a linha de contenção, linha de revista, ministérios... Não foge muito disso. Mas tem que perguntar para ele quanto que ele separou, quem ele designou, porque, quando você é major comandante da operação e tem os capitães, você fala para o capitão: "Oh, você cuida desse espaço aqui, dessa linha. Oh, você cuida dos ministérios. Oh, você cuida da linha de contenção." Então, eu não sei...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel, mas o problema é que não havia linha de contenção, não havia nada.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É, aí...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – De quem foi a ordem para colocar os estudantes, que ainda não estão formados como policiais, para fazer essa contenção?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Essa tratativa dos alunos, que já estavam quase se formando... Faltava ali uns 15 dias. Eles já tinham instruções...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas quem os mandou para lá?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Essa tratativa é feita do DOP com o subcomandante-geral, com o DEC. Aí eu não sei como foi feita essa tratativa, porque não foi eu que fiz esse...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas esse pessoal fazia tudo da cabeça deles sem combinar com o senhor, que era o comandante deles?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É assim que funciona. Eles determinam, e eu cumpro o que eles determinam.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quer dizer que, em vez de o senhor mandar neles, são eles que mandam no senhor?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eles que mandam em mim. Eu sou subordinado a eles e eu ainda...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está tudo errado.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – ... por uma questão de ser

bastante responsável, eu tento ainda puxar alguma coisa ali que está sendo tratada, mas algumas informações não eram passadas para mim. Então, no dia, tinha 580 policiais lá no dia da operação. É o que está nesse relatório. Do meu comando, foi colocado 54 policiais da companhia de pronto emprego, e eu ainda coloquei a mais, porque eu assinei uma ordem de serviço, que está aqui – eu vou entregar para os senhores depois...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Nós queremos tudo que o senhor trouxe de documento.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Vou entregar.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Vou fazer outra pergunta ao senhor. Em depoimento à Polícia Federal, o coronel Paulo José disse que o senhor, como comandante... Eu vou ler, vou repetir, para o senhor prestar bastante atenção, o que diz o Paulo José. Em depoimento à Polícia Federal, o coronel Paulo José disse que o senhor, como comandante do 1º CPR – Comando de Policiamento Regional, seria o responsável para realizar o planejamento operacional do dia 8 de janeiro de 2023. Isso é verdade? O coronel Paulo José também disse, em seu depoimento à Polícia Federal, que o senhor escalou o major Flávio Silvestre de Alencar para comandar a tropa no teatro de operações. Isso é verdade? O senhor sabe o motivo pelo qual o major Flávio Silvestre de Alencar foi preso recentemente pela Polícia Federal em decisão do ministro Alexandre de Moraes? Por que o teatro de operações ficou sob o comando de um major? Por que o senhor ou o coronel Paulo José não comandaram a tropa no teatro de operações?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Vamos lá. O departamento operacional, o (Ininteligível.) não atribuiu ao 1º CPR essa atribuição de planejar. Tanto é que eu tenho um documento aqui, um ofício, que foi assinado. Eu fui exonerado no dia 10. Então, o coronel que assumiu a minha função lá no 1º CPR foi que fez alguns documentos que foram pedidos pelo comando da PM. Ele afirma que não foi atribuído ao 1º CPR a atribuição de planejar. Isso está em documento do coronel que assumiu depois de mim. Então, isso não foi atribuído a mim.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sendo assim, o senhor está dizendo que o coronel Paulo José mentiu na Polícia Federal.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Aí a Polícia Federal tem que investigar.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sim, mas ele deu um depoimento na Polícia Federal dizendo que era responsabilidade do senhor.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Aí cada um faz sua defesa, não é?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Acho que a gente está começando a chegar aos ETs. Nós vamos chegar lá.

Eu pergunto: o senhor tem conhecimento sobre ações do coronel Naime e do major Flávio Alencar para retardar o emprego da tropa após as invasões e depredações dos prédios públicos? O senhor sabe os motivos que levaram o ministro Alexandre de Moraes a determinar a prisão preventiva do coronel Naime bem como a prisão do major Flávio Silvestre? O senhor chegou a ser preso pelos atos ocorridos nesta capital no dia 8 de janeiro, coronel?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não sei o motivo das prisões. Eu não sei o motivo da prisão nem do major Flávio nem do coronel. Eu queria só voltar na pergunta anterior. O senhor falou que eu estive presente lá na reunião da secretaria, né? Isso foi muito divulgado. Realmente eu estive lá. Eu trouxe aqui o *print* da conversa com o coronel Fábio Augusto. Eu vou ler, está bom? Isso aqui está... O coronel Fábio Augusto, ele que me mandou na reunião lá da Secretaria de Segurança. Ele falou assim: "Amanhã, às 10h, tem uma reunião na SOPI", que é a Secretaria de Operações Integradas, "para tratar de manifestação. Se você puder ir," – o comandante-geral não pede, ele manda, né? – "faz a gentileza de ir, mesmo que o Paulo José não fale com você." Não sei por que ele falou isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mesmo que o Paulo José o quê?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – “Não fale com você” para ir na reunião da secretaria.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Vocês não se falavam? Como é que é isso?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, falávamos, mas é para a reunião que eu estou falando, né? Eu fui na reunião e fiz um resumo, uma ata. Está aqui o *print* da conversa com o comandante-geral, o coronel Fábio Augusto. Permita ler: “O DOP mandou o major Leonardo na reunião”. O major Leonardo é o encarregado que auxilia lá no planejamento do DOP. Como eu falei, o DOP é o encarregado de fazer o planejamento. Eu botei aqui para o comandante-geral... Vou ler. Estou lendo a mensagem que eu passei do meu telefone para o telefone do coronel Flávio Augusto: “O DOP não tinha me comunicado”. Lá tinha os representantes, que todo mundo já sabe. Vou pular para ser mais rápido. “A coronel Cintia e o delegado Fernando chegou depois na reunião e ajustou os protocolos”. O outro ponto – fui relatando para ele: “Fechar a P3P”, que é a Praça dos Três Poderes, “e a Esplanada dos Ministérios em caso de grande número de ônibus”. Isso no dia 6. Lembrando que, nesse dia, a gente chega na reunião, estava lá o tenente-coronel Rosivan conduzindo a reunião, e ele falou: “Baixa adesão e risco pequeno”. Ou seja, não tinha nada naquele dia, sexta-feira, 10 horas da manhã. Depois, foi progredindo a reunião. Eu vou continuar aqui e ler. Detalhe: nesse dia, sexta-feira, o expediente administrativo da PM... Eu nunca cumpri horário de expediente, viu, deputado? Eu fazia três expedientes. Eu trabalhava 12, 15, 16 horas por dia. Eu não tinha um horário. Mas, nesse dia, o horário do expediente administrativo da PM acabou às 13 horas. Ou seja, até aquela hora... aquele pessoal de apoio seu, que faz o administrativo, 13 horas foi embora. É bom salientar isso. Vou continuar a ler aqui: “Foi recriado o grupo de perímetro de segurança para monitorar a rodovia com a Polícia Rodoviária Federal e a PMDF. O Comando de Policiamento de Trânsito ficou encarregado disso.” Vou continuar lendo aqui a mensagem: “Deixei claro que teria um grande efetivo na Esplanada, mas não lá na Esplanada”. Vou parar nesse ponto aqui para explicar uma coisa: no sábado, a gente não sabia o horário, nem o dia em que iria acontecer a manifestação. E, no sábado, a gente colocou lá 90 policiais, mais 120...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Espere aí, coronel. Nós tivemos depoimentos aqui e nós temos o extrato da inteligência da Secretaria de Segurança dizendo o dia, a hora e o momento em que ele decidiu ir lá. E tanto sabia que houve uma viatura com um policial que chamou em cima do trio elétrico – o senhor deve ter visto essa imagem – dizendo que era para descer de modo pacífico, não sei o quê e tudo.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não sabia. Aquele momento ali, em que aquele policial foi lá fazer esse ajuste, foi quando foi divulgado que ia ter a manifestação na Esplanada. Até então, só estava chegando ônibus, e o pessoal estava lá no QG. A gente não sabia o dia nem o horário. Tanto que na sexta – só para se ter uma ideia –, na sexta-feira, eu aumentei o número de viaturas na contenção lá da Esplanada. No sábado, a gente colocou 90 policiais lá. Ficaram o dia todo lá, de 7 horas da manhã até o final da tarde. À noite, a gente colocou, se eu não me engano, mais 15 viaturas, porque tinha aumentado um pouco o número de ônibus. Então, a gente... Isso foi uma questão que prejudicou muito – eu creio nisso – as decisões, as tomadas de decisões.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor recebeu ordem de quem para abrir a Esplanada, que estava fechada até o sábado?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Esse foi um ajuste feito pelo comando da corporação. Eu recebi essa orientação via Departamento Operacional.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O nome, coronel. Quem disse para o senhor que era para abrir a Esplanada?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Coronel Paulo José.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O coronel Paulo José disse para o senhor que era para abrir a Esplanada?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Foi um ajuste feito em reunião

da Secretaria de Segurança. Inclusive, me parece, eu não tenho certeza – eu sei que os senhores fazem um trabalho muito sério aqui –, parece que aconteceu uma reunião no sábado, e eu não participei dessa reunião.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel, a Esplanada estava fechada. O senhor era o comandante da área. Alguém mandou o senhor abrir a Esplanada. Foi o coronel Paulo José? O senhor acabou de dizer que foi ele.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Foi ele. Mas eu falo assim: ela foi aberta para os manifestantes, não foi aberta para...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sim, coronel.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – ... para ônibus.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sim. Nós estamos buscando o caminho do manifestante.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Sim. Entendi.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ele mandou o senhor abrir para o manifestante, não foi isso?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Sim. Foi a ordem que eu recebi.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom. Pelo depoimento estamos avançando. Pelo menos já sabemos quem mandou abrir a Esplanada.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Posso terminar aqui a ata da reunião?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Por favor, termine.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – A mensagem... eu vou tentar não parar aqui, senão eu vou me estender muito. É a mensagem que eu continuo a ler aqui, que é a mensagem que eu passei para o comandante-geral da reunião. "Então, os estacionamentos... ficou acertados os ônibus na Granja do Torto. Eu solicitei nessa reunião, botei aqui, "O CBM vai ficar em condições, caso acionamento de colocar viaturas pesadas para fechar a Esplanada", porque a gente já teve essas experiências anteriores de o Corpo de Bombeiros ajudar a gente com viaturas pesadas para não descer ônibus, descer caminhão. E aí foi até uma solicitação minha, não é? Então, veja que eu estou sempre preocupado com isso. Foram colocadas aquelas barreiras de trânsito, Jerseys, que são aqueles blocos de concreto. A S2 ficou a cargo do Detran, a 1ª DP era a delegacia da área. Eu botei aqui e escrevi para o coronel que foi orientado por mim os órgãos do reforço da segurança dos prédios, porque lá tinha vários órgãos. Confirmei com o major Leonardo, está escrito aqui, do DOP, para deixar o serviço voluntário gratificado do DOP, porque a gente tinha um efetivo a mais em condições de ser acionado em caso extraordinário. E eu escalei, porque eu falei isso na reunião, eu escalei 10 viaturas aqui, eu escrevi 9 viaturas de GTOP, mas, na verdade, eu tenho a ordem de serviço, eu escalei 10 viaturas de GTOP, mais 2 viaturas de patrulhamento, mais o GPE. Ou seja, eu tinha aí no mínimo de 30 a 40 policiais a mais do que foi mandado, e eu mantive, porque eu não recebi essa ordem para tirar. Mas eu mantive esses 40 policiais a mais por ordem minha mesmo.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está certo. O senhor tem conhecimento, coronel, sobre ações do coronel Naime e do major Flávio Alencar para retardar o emprego da tropa após as invasões e depredações dos prédios públicos? O senhor sabe os motivos que levaram o ministro Alexandre de Moraes a determinar a prisão preventiva do coronel Naime bem como a prisão do Flávio José? O senhor chegou a ser preso? Estou repetindo para que o senhor deixe claro para nós.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não fui preso, eu não sofri busca e apreensão. Até saiu notícia aí com o meu nome. Fiquei muito triste porque as pessoas falaram que eu estava preso. É uma pena.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não foi preso?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não fui preso, mas saiu essa reportagem falando que eu teria sido preso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E o senhor sabe o motivo?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não sei o motivo, não sei se houve ordem para retardar, não sei sobre isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom.

O senhor saberia informar o efetivo utilizado no dia da posse presidencial, o efetivo utilizado preliminarmente no dia 8 de janeiro de 2023? O comandante do DOP, coronel Paulo José, prestou todo o apoio necessário à operação? Qual foi o efetivo empregado por cada batalhão? O Batalhão de Choque, o Bavop, e o Batalhão de Policiamento Montado estavam no teatro de operações desde o início das manifestações ou estavam com a tropa de sobreaviso?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Vamos lá. Então, como eu falei bem no início, há que se definir a minha atribuição de supervisão, de coordenação, estando fora do teatro de operações. Então, o major, comandante ou qualquer outro oficial que estivesse comandando, ele tem atribuição de conferir os efetivos que foram chegando ao terreno e dando as suas devidas missões, fazendo as anotações para contato. Então, assim, eu sei o que estava previsto. E o que estava previsto era uma companhia de pronto emprego minha, do 1º CPR; uma companhia de pronto emprego do CP Esp; eu sei que o Paulo José depois mandou para lá, porque ele me ligou falando que estaria mandando, mais uma companhia do 2º CPR; os alunos. O Choque, Rotam, essas especializadas, eu sei que estavam lá, mas não sei o quantitativo. Não sei quem estava lá, porque isso não era obrigação minha, isso é obrigação do comandante da operação. Na minha cabeça, assim: vi a imagem lá, me mandaram que o Choque está lá, eu não me preocupo quem está, quantos são, se estão, isso não é obrigação minha.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está certo.

O ex-secretário Fernando Oliveira, em depoimento, disse ainda que a coronel Cintia teria dito a ele que o efetivo empregado pela Polícia Militar do Distrito Federal seria de 600 policiais e que o senhor, coronel Casimiro, teria afirmado a ela que o efetivo da Polícia Militar seria suficiente. Porém, documento encaminhado pela Polícia Militar a esta casa de leis diz que o efetivo seria de cerca de 200 alunos do curso de formação policial e que o restante da tropa ficaria de sobreaviso.

De quem foi a ordem para escalar esse número reduzido de policiais e, acima de tudo, para escalar aluno do curso de formação sem experiência, coronel? Essa ordem partiu de quem?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Vamos lá. Então, o efetivo que estava previsto não era só de 200 policiais. Como já expliquei ali no quadro anterior.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas há um documento da polícia dizendo que o efetivo era só de 200. E a Cintia disse que era de 600.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O que eu sei são aqueles 580, o que fica próximo desse número de 600. Eu não sei desse número e não era a informação que eu tinha. A informação que eu tinha eram esses 580. Sobre essa tratativa dos alunos, não é uma tratativa feita pelo meu comando. Visto que eu passei ali o organograma, dar ordem aos alunos não parte de mim. É uma tratativa do departamento operacional com o subcomandante-geral e o Departamento de Ensino. Agora, como foi feito isso, eu não sei, só sei que eu recebi a ligação do Paulo José falando os efetivos que estavam previstos e o que eu deveria escalar. Assim o fiz: escalei o major, passei para o major Flávio a determinação que me foi passada e foi para o dia 8.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel, pelo que o senhor está falando, o senhor acha lógico, correto que as pessoas tomem decisão sem se reportar ao comandante, no caso, da região, que era o senhor?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu sempre tentava me inteirar dessas situações. Eu não sei por que isso acontecia. Eu não sou da turma dos outros coronéis,

isso deixa bem claro isso. O coronel Fábio Augusto é de uma turma, o do DOP é de outra turma e eu de outra turma, eu não tenho tanta intimidade com eles. Eu não sei por que isso aconteceu.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas se precisava intimidade para cumprir as coisas e fazer direito?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não. Não se precisa de intimidade, mas eu falo assim, isso facilita, não é? Eu não sei se por eu ter assumido um comando regional tão importante, de tanta responsabilidade...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Havia muita ciúmeira? O senhor acha que o pessoal estava afim de...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Poderia acontecer.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor acha que o pessoal estava a fim de ferrar com o senhor?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não sei se isso era dessa forma, mas eu confesso para o senhor que...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor sente que eles armaram para ferrar com o senhor?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não posso falar dessa forma, mas eu sei que havia alguns ciúmes.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E esse ciúme resultou em quê? Nesse desastre, não é?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É... Em relação à operação toda, o centro da questão é que não tinha análise de risco e aí foram tomadas não boas decisões. Com as informações que tinha, foram tomadas as providências devidas. É assim que eu vejo. Para as informações que a gente tinha naquele momento, foram tomadas as decisões corretas. Então, assim, eu não vejo que teve omissão. Eu não consigo visualizar omissão.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas como foi tomada a decisão correta se houve toda aquela destruição?

O senhor precisa nos ajudar. Sabe qual é a preocupação minha e do relator também, coronel? É que, de repente, toda a culpa está em cima da Polícia Militar do Distrito Federal. O senhor, como coronel que disse aqui amar a Polícia Militar, que gosta dela, precisa nos ajudar para que resolvamos isso. Precisamos individualizar as responsabilidades. Que pague o pecador que cometeu o pecado, mas que o inocente não pague pelo pecador! O senhor precisa nos ajudar nisso.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É. Então, o que acontece? Realmente, essa situação foi um momento muito triste. Eu, como profissional de segurança pública, coronel da polícia, jamais gostaria de ter passado por essa situação. Não concordo com tudo que aconteceu. Agora, realmente, colocar a Polícia Militar nessa situação, e eu, em especial, estar inserido nessa situação muito grave, eu fico muito triste com tudo isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor precisa ajudar a resolver isso.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu estou aqui para ajudar os senhores.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel, eu vou fazer mais uma pergunta para o senhor.

Em depoimento a esta CPI, o ex-subsecretário Fernando Oliveira disse que o senhor, coronel Casimiro, no dia da aprovação do PAE, o Planejamento de Ações Estratégicas, teria dito a ele: "Não vamos economizar efetivo". Então, por que houve o contingenciamento de efetivo pelo departamento operacional da Polícia Militar, já que o senhor disse, para o secretário executivo, que não iria economizar?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não falei isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Como?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não falei isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ele mentiu aqui na CPI?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Aí, tem que verificar. Eu não falei isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não falou isso para ele?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu falei que a gente teria o efetivo adequado às informações que tinha naquele momento, que o efetivo ia crescendo conforme a necessidade, e aí a gente ia colocar o efetivo de acordo com as informações que tinha.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom.

Coronel Casimiro, o major Flávio Silvestre de Alencar, em depoimento à Polícia Federal, disse que o senhor, coronel Casimiro, o escalou para comandar a tropa no dia 8 de janeiro de 2023. Disse que o senhor não colocou policiais suficientes à sua disposição e que ainda teria escalado 178 alunos do curso de formação, sem experiência, para conter manifestantes.

Coronel, isso é verdade? O senhor é o responsável por escalar alunos para enfrentar manifestantes que diziam, a todo momento, nas redes sociais, que iriam para o confronto, que iriam tomar o poder e que iriam invadir o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o STF?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não sou o responsável, como eu já falei, por escalar os alunos. Essa foi uma tratativa do coronel Paulo José. Eu não sei se foi junto com o subcomandante-geral ou com o DEC. Mas essas tratativas normalmente seguem este fluxo: o subcomandante-geral e o DEC. Eu não sei como foi, porque eu já recebi a determinação pronta. Quanto ao major, por quem tenho uma estima muito grande – é uma pena que ele esteja passando por isso –, ele foi escalado por mim. Tenho o *print* aqui da conversa. Vou deixar aqui. Foi escalado junto com a companhia de pronto emprego. Eu liguei para ele também, passei todas as orientações, todos os efetivos, tudo aquilo que foi me passado pelo departamento operacional. Eu passei todas as orientações para ele. A gente conversou algumas vezes. Ele me ligou, a gente conversou algumas vezes. Sempre muito preocupado. O major Alencar é um oficial muito capacitado, muito dedicado. Não vejo que ele não era capacitado para a função. Pelo contrário. Então, eu não sei o que aconteceu.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas ele disse, na Polícia Federal, que a culpa é do senhor.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Deputado, cada um faz a sua defesa, não é? Aí, a gente tem as provas.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor é um policial experiente, certamente com mais de 20 anos de serviços prestados, e deve ter participado de centenas, ou até mais, de operações e manifestações na Esplanada. Indago ao senhor: não seria papel das tropas especializadas da Polícia Militar do Distrito Federal, do Batalhão de Policiamento de Choque, do Regimento de Policiamento Montado, dentre outros batalhões especializados, a intervenção para impedir a invasão aos prédios dos três Poderes da República? Não deveria haver, no local, um cordão de isolamento composto por tropa especializada em conter multidão com equipamentos não letais, como gás lacrimogêneo, bomba de efeito moral e munição não letal? Faço a seguinte indagação: esses cuidados não tinham que ser tomados logo no início diante das informações de inteligência que avisavam que era grande a possibilidade de confronto com as forças de segurança e a invasão aos prédios, coronel?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Posso passar 2 vídeos para responder a essa pergunta?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Pode. Aqui o senhor tem toda a liberdade de passar tudo.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas nós queremos também que o senhor responda com objetividade às perguntas, porque vamos perguntando, perguntando, e o senhor não as responde.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Vamos responder. Estamos à disposição.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Passe o vídeo, por favor.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É “início dos distúrbios”, por favor, o nome do arquivo. Perdão, esse é muito grande. É “quantidade de pedras”.

(Apresentação de vídeo.)

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Prestem atenção na quantidade de pedras no chão.

O Choque agiu.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel, mas o problema é o seguinte: o Choque agiu depois de a casa ter sido arrombada, ou seja, depois que invadiram os palácios, depois que houve a intervenção federal. Com o Cappelli assumindo a secretaria, aí que foram convocados o Choque e essas tropas todas. Se essas tropas estivessem lá no início e tivessem agido, coronel, não teria acontecido o que aconteceu.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Deputado, com todo o respeito ao senhor, o Choque combateu no início. Talvez... Foi acrescentado... Sem dúvida, o senhor falou corretamente, chegaram mais policiais depois. Eu cheguei ao terreno depois. Quem resgatou... Uma coisa que as pessoas, vamos dizer assim – me permita –, não querem saber muito porque, infelizmente, aconteceu um fato triste, foi invadido, quebrou, mas quem resgatou aquele terreno foi a Polícia Militar.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas foi depois de a casa ter sido arrombada, coronel.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É, e isso foi triste. A gente não conseguiu... A estratégia dos criminosos foi mais eficaz que a nossa. Eles agiram de uma forma que passou por cima da nossa estratégia. A gente foi lá, resgatou os prédios. Eu cheguei lá depois, eu estava junto com o Choque. Eu fui ferido, deputado. Eu quase morri naquilo ali. Quando eu vejo as imagens, aquilo me emociona um pouco, porque eu fui ferido. Eu dediquei a minha vida naquilo ali. A gente não esperou ninguém. Quando invadiram o Palácio do Planalto, o STF, aquilo realmente me doeu muito, porque eu sempre prestei apoio para o STF. Várias e várias vezes o pessoal me ligou para dar apoio de policiamento na casa dos ministros do STF, tanto no Lago Norte, quanto na Asa Sul. Eu sempre prestei todo o apoio ali. E a gente foi para o local. Eu fui, eu estava com o Choque ali. O Choque agiu. No primeiro momento, o Choque foi vencido, isso aconteceu. Era uma turba superagressiva. É isso que poucas pessoas falam. A turba era muito agressiva, muito agressiva. E, infelizmente, venceu os policiais em um primeiro momento. Em um segundo momento, a gente chegou com mais efetivo. Eu estava lá, eu cheguei lá depois, estava ali a todo tempo no Palácio do Planalto. Teve um momento lá que a gente não conseguiu... Era muita pedra, era muita violência, tanto que eu fui ferido ali, eu quase perdi o dedo do pé. Eu tomei muita bala de *gold* no colete, nos braços. O meu braço ficou roxo, ficou doendo mais de um mês. Muita pedra na cabeça. Ainda bem que eu tinha um capacete, eu andava na viatura com um capacete, eu e o cabo Moisés. Eu caí lá algumas vezes. As pessoas partiram para cima de mim. Ao cabo Moisés, eu agradeço. Cabo Moisés, você resgatou ali a minha vida. Ele me puxou pelo braço, entendeu? E a gente levantou. Estava doendo muito a perna. E a gente não conseguiu, em um primeiro momento. Em um segundo momento – que é uma imagem que a gente tem –, que ficou o carro do Choque lá atrás parado, que a gente ficou se organizando. A gente partiu para cima, resgatou os prédios. Detalhe, deputado, a gente resgatou aquele prédio, a gente não esperou ordem de ninguém, a gente foi para cima. E, às 18 horas, às 18 horas, aqueles prédios estavam resgatados, a presidência, o STF. E eu me encontrei, às 18

horas, na cúpula, com o coronel Naime, ele já tinha chegado um pouco antes e ele estava comandando ali. Ele já tinha desocupado dentro do Congresso, só faltava a frente do Congresso. Então, às 18 horas, a Polícia Militar já tinha resgatado os prédios públicos, os três prédios.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel, nada disso teria acontecido se houvesse a polícia preventiva. Se tivessem usado todo o efetivo, com a Esplanada fechada, para que aqueles bandidos não invadissem, nada disso teria acontecido. O senhor não teria corrido o risco de morrer, como o senhor correu.

Coronel, o coronel Naime, em depoimento prestado a esta casa, disse que o efetivo empregado pela PM no dia 8 de janeiro de 2023 causou-lhe estranheza. E também disse que ele estava de folga e não foi o responsável pela convocação do efetivo para o dia 8 de janeiro. Indago-lhe novamente: quem foi o responsável, para não dizer irresponsável, pelo emprego do baixo efetivo por parte da PM no dia 8 de janeiro? Quem é o responsável que quase levou o senhor a óbito?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu recebi todas as ordens, como eu já falei várias vezes aqui, do departamento operacional.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem comandava o departamento operacional?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O coronel Paulo José. Todas as ordens que ele me deu...

(Intervenção fora do microfone.)

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É. O coronel Naime era o comandante, mas ele estava afastado. Naquele momento, era o...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O Paulo José?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O Paulo José estava em exercício, não é? Estava como o comandante em exercício. Todas as ordens que ele me deu, eu cumpri. Eu quero esclarecer que eu nunca fui omisso na minha carreira. Eu tenho 29 anos de Polícia Militar. Era meu sonho ser policial militar. Eu sou – como a gente fala dentro da Polícia Militar? –, eu sou muito enquadrado. Eu nunca deixei de cumprir nenhuma ordem, eu nunca fui infiel com ninguém...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está certo.

MARCELO CAMIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – ... com ninguém dentro da Polícia Militar, nem com o meu subordinado nem com os meus superiores.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel, o senhor foi indiciado em IPM pela Corregedoria da Polícia Militar. O senhor poderia nos dizer em que crime militar foi indiciado? Qual a fundamentação para o seu indiciamento? Além do senhor, quais oficiais da PM foram indiciados pela Corregedoria da Polícia e por quais crimes militares?

MARCELO CAMIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Deputado, esta foi uma situação muito chata para mim, esse IPM. Eu não sei como o coronel Sarmiento, que foi o encarregado desse IPM, chegou a essa conclusão. Não sei... Foi uma coisa muito chata para mim. Eu não sei como ele chegou nisso daí. Na minha visão – com todo o respeito –, essas investigações não foram feitas de forma aprofundada. Deveria ter colhido mais elementos, mais provas. Eu fui a esse IPM – só para o senhor ter ideia – de testemunha, e o objeto do inquérito não era eu. Ou seja, poderiam ter me chamado de novo para esclarecer diversos fatos, enfim, apresentar outras provas, outras situações e foi indiciada – eu também não sei o porquê disso –, a coronel Cintia, por prevaricação. Eu não sei o porquê de as pessoas... qual o interesse, o que aconteceu. Não sei o que aconteceu. Eu sei que foi muito preliminar. As investigações da PM deveriam ser aprofundadas. Também foram o coronel Naime e o Paulo José. Foram os 4 que foram indiciados nesse inquérito.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bem.

Eu vou fazer uma última pergunta ao senhor, até porque o relator também tem muitas

perguntas a fazer. É uma pergunta bem longa.

Coronel Casimiro, quanto mais esta CPI avança, menos eu consigo entender a Polícia Militar do Distrito Federal. O coronel Fábio, ex-comandante da corporação, esteve aqui para dizer que não tinha obrigação de saber minúcias de uma operação, mas aparece em campo apenas para motivar seus homens, não para comandar. Isso não é lógico, pois como pode o comandante máximo de uma instituição estar em uma operação e não comandar ninguém? Disse ainda que a sua atribuição era administrar a corporação e que o comando operacional da tropa competia ao subcomandante.

Já a coronel Cintia veio aqui dizer que o seu papel nos atos do dia 8 terminou com a confecção do PAI de 2023, no dia 6, e que após isso ela não tinha mais responsabilidade alguma. Contudo, não explicou o motivo de ficar reportando informações ao secretário-executivo Fernando, dizendo que tudo daria certo e também não explicou por que participou de uma reunião com policiais federais no dia 7 para tratar da manifestação do dia 8 – reunião na qual foram tratadas informações quanto às invasões aos prédios públicos – nem explicou o que fazer com essas informações.

Ainda há o coronel Jorge Pinto que falou que entregou um relatório de inteligência, às 18 horas do dia 6, na SOPI, mas não esclareceu por que esse relatório não foi entregue antes, haja vista que, até onde se sabe, não houve mudança tática da manhã para a noite no dia 6. Aliás, a delegada Marília precisa voltar aqui e explicar melhor as coisas, acho que ela tem muito mais a colaborar. Existe uma cortina de fumaça entre ela e o ex-secretário Anderson Torres que esta CPI tem a obrigação de descortinar.

Ainda há o coronel Naime que aqui compareceu e basicamente falou de toda a sua experiência na polícia – uma verdadeira aula sobre o seu currículo operacional, quase saiu carregado daqui como herói –; contudo, foi e continua preso pelo STF, ou seja, tem carço nesse angu.

Minha pergunta, coronel Casimiro: existe algum coronel da Polícia Militar que saiba de alguma coisa? Existe algum coronel da Polícia Militar que consiga de fato dar uma explicação sobre o acontecido no dia 8? Será que os erros serão atribuídos somente aos praças, coronel?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Olha só, deputado, o planejamento dessa operação não foi a cargo do 1º CPR, não foi responsabilidade do 1º CPR. O POI lá da Secretaria de Segurança, o protocolo, é enviado para o departamento operacional, e o departamento operacional tem a obrigação de fazer todo o planejamento e dar as ordens aos seus efetivos. Quando eu recebo uma ordem de escalar um oficial para comandar uma operação, eu vou lá, cumpro a ordem e escalo. Eu escolho da minha escolha. Poderia ter escolhido qualquer um dos 6 comandantes de batalhão, mas eu achei mais adequado o major Flávio pela experiência que ele tinha. A partir do momento em que eu o escalo, eu não piso no local. Isso, todo coronel da polícia sabe, porque, quando você pisa no local, você assume responsabilidades. Está certo? Então, foi o que eu fiz: eu não pisei no local até o momento em que eu vi que a coisa saiu do controle. Aí eu vi que estava o comandante-geral, eu vi que estava o meu chefe, que, naquele momento, era o Paulo José, ele estava lá no local. E eu fui para o local. Eu não pedi... Eles não me pediram para ir ao local, eu fui porque eu quis. Porque eu vi, por uma questão de hombridade, de compromisso institucional, compromisso com a Polícia Militar, compromisso com as situações que estavam acontecendo... Eu, inclusive, estava com uma viagem marcada, deputado, e eu perdi essas diárias. Eu perdi essas diárias. Eu tenho aqui os comprovantes, vou deixar aqui. Então, eu estava com viagem marcada, eu perdi essas diárias, eu perdi dinheiro nisso aí. Eu já tinha... Eu estava muito estressado porque, como eu falei, no dia 30 eu trabalhei até às 3 horas da manhã; eu fui no dia 1º – no final de semana anterior –; eu trabalhei a semana toda, três expedientes. Nessa semana, eu acho que eu trabalhei, mais ou menos, umas 60 horas – mais ou menos, ou mais se bobear. Eu estava trabalhando muito e estava super, megacansado. Mesmo assim, mesmo tendo uma viagem marcada... Eu tenho certeza de que o coronel Fábio Augusto – por quem eu tenho uma estima toda especial –, se eu ligasse para ele ou até mesmo para o meu chefe, no momento, e falasse “Olha, eu estou cansado, preciso descansar”, eles iriam me dispensar. Eu não fui... Eu não fui, preocupado, porque eu não sou omissor. Nunca fui omissor. Doe-me muito quando a polícia militar fez isso comigo, com esse inquérito de uma coisa que eu nunca

fui. Doeu-me demais! Foi muito difícil para mim. É uma coisa a que eu sempre fui muito dedicado. Sempre trabalhei a mais, sempre fui responsável. Não sou... As situações políticas não influenciam as minhas decisões. Eu já estive – não falei –, mas já estive em missão fora do país. Eu estive em El Salvador, fruto dos acordos de paz. Lá, fruto dos acordos de paz, é restabelecer a ordem, a democracia, restabelecer o estado de direito. Eu fiz curso na ONU. Então, isso vai contra todos os meus princípios de não cumprir as leis, de não cumprir a Constituição. Então, assim, da minha parte, não teve omissão.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Vou passar a palavra ao nosso relator, deputado Hermeto.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Senhor presidente, solicito o uso da palavra.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Concedo a palavra a V.Exa.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Senhor presidente, eu só queria um esclarecimento. Durante as indagações de V.Exa., o coronel falou que ele se sujeitava às ordens da equipe que estava abaixo dele, de patente inferior? É isso mesmo?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Foi isso que ele disse.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Pois é. Eu fiquei na dúvida se era isso mesmo.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Era isso mesmo.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, não, não. Eu me sujeito às ordens do meu chefe, do DOP, não do inferior. O que eu falei, talvez... Vamos tentar explicar melhor. Existe uma diferença entre ser comandante regional – você supervisionar o policiamento, coordenar o policiamento – e do comandante da operação. Quando você escala o comandante da operação no terreno, você não é mais o responsável por tudo o que está acontecendo ali no terreno. Vamos lá: você até é responsável, porque você tem que prover os meios e falar “os meios estão aí”. A partir daí, por exemplo, se o comando de operação tem informação e acha que o efetivo é pequeno, ele solicita mais. Ele liga, manda WhatsApp e você tem a obrigação de correr atrás dessas providências. No caso, eu não teria como tirar do meu comando. Eu teria que me reportar ao departamento operacional para que ele desse a ordem para outro comando regional, dentro daqueles 6, e falasse “Tal comandante regional, manda tal efetivo lá para apoiar”. Essa é uma questão interessante. Como a gente não tinha informação, o comandante estava lá às 7 horas da manhã. Na manifestação, começou com a caminhada às 13 e 30. Das 7 horas às 13 e 30, ninguém pediu mais efetivo para mim. Eu não fui... É bom deixar isso claro, porque foi falado aqui...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom, comandante.

Concedo a palavra ao relator, deputado Hermeto. V.Exa. terá o tempo que achar necessário para fazer as perguntas. Espero que os esclarecimentos venham.

DEPUTADO HERMETO – Boa tarde, coronel Casimiro. Boa tarde a todos.

Deputado Chico Vigilante, antes de V.Exa. ir ao banheiro, eu gostaria de salientar uma coisa em relação aos alunos. Os alunos já estavam com mais de 8 meses de curso. Os alunos já tinham um curso de formação integral. A formação deles estava praticamente pronta. Só faltava a formatura. Outra coisa, deputado Chico Vigilante: aqueles mesmos alunos que estavam no dia 8 foram os mesmos alunos que estavam na posse do presidente Lula, foram os mesmos alunos que estavam no *Réveillon*, foram os mesmos alunos que participaram de diversos eventos no Distrito Federal que transcorreram tranquilamente.

O massacre não foi maior porque aqueles alunos estavam lá. Aqueles alunos foram vítimas dos inescrupulosos que invadiram os prédios públicos. Aqueles alunos correram risco de vida. Mas eles se portaram como policiais prontos, porque já estavam preparados. A formação deles é forte.

Eu conheço o major Arantes. Ele mexe com o curso de formação da Polícia Militar há muitos anos. É um oficial extremamente competente na formação dos alunos. Então, não atribuam a falha aos alunos. Não atribuam a eles – a grande maioria, praças – a culpa pelos atos antidemocráticos do dia 8. Isso não, porque eu sei disso. Tudo leva a crer, na minha

concepção, e tudo esbarra numa só pergunta, para a qual todos nós já temos a resposta, coronel Casimiro.

Eu, como policial militar, sei o que vou colocar no meu relatório: falta de planejamento, falta de efetivo naquele dia. Quem não fez o planejamento, quem não elaborou a nota de policiamento naquele dia, vai ser responsabilizado. Não adianta jogar para um, jogar para outro; buscar um, buscar outro, pois tudo esbarra numa coisa só: falta de planejamento.

Outra coisa, o senhor é comandante do CPR1. O senhor é subordinado diretamente ao DOP. Todas as unidades operacionais são subordinadas ao DOP, que é o Departamento de Operações. Ah, mas quem era o chefe do DOP? Era o coronel Naime. E quem estava respondendo naquele dia? O coronel Paulo José. Só que o coronel Naime foi comandante do DOP por 2 anos. O coronel Paulo José ficou quantos dias no comando efetivamente?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Ele estava há pouco tempo lá.

DEPUTADO HERMETO – Quantos dias?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Ele tinha assumido no quarto dia.

DEPUTADO HERMETO – Era o quarto dia que ele estava no comando.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Cinco dias, eu acho.

DEPUTADO HERMETO – Cinco dias. Mas quem comandava efetivamente o DOP era o coronel Naime. Então, aqueles praças que estavam lá são os que menos têm culpa. Eles foram vítimas. Esses alunos que V.Exa. citou aqui são alunos preparados, são policiais feitos. Só faltava o ato simbólico da formatura. Mas foram os mesmos que trabalharam na posse do presidente. Não eram os mesmos?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eram os mesmos.

DEPUTADO HERMETO – Eram os mesmos que no *Réveillon* estavam lá contendo a multidão na passagem de ano?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eram os mesmos.

DEPUTADO HERMETO – Eram os mesmos que estavam no Sete de Setembro?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Foram empregados várias vezes.

DEPUTADO HERMETO – Eles deram não sei quantos tiros, fizeram cursos e mais cursos por quase 8 meses. Então, não joguem nenhuma culpa nos praças que estavam lá no dia 8. Eles são os que menos têm culpa. E nós sabemos, nesta CPI, que faltou planejamento da cúpula, de quem tinha responsabilidade de planejar, de quem tinha responsabilidade de elaborar a nota de serviço. Esse, sim, vai estar no meu relatório, com certeza.

Contudo, se naquele dia, na Esplanada dos Ministérios, algum policial – repito – fez algum corpo mole, alguma *selfie* – falam – da água – falam... Até já disseram, em uma nota, que eu fui mentiroso aqui, dizendo que o negócio da água aconteceu. Aconteceu, sim. Não havia um movimento ali na catedral na hora em que os policiais... Aquela foto em que os policiais estavam tomando água. Havia algum movimento naquele local ali, coronel?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não estava no terreno, mas, pelo que eu sei, não. Foi no início, não é?

DEPUTADO HERMETO – Outra coisa: a falta de planejamento foi tão grande, que nem água para os policiais havia. É verdade?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso. Pela falta de informação também...

DEPUTADO HERMETO – Não. É verdade que nem água havia para eles?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso. A coronel Cintia providenciou...

DEPUTADO HERMETO – Registre isso aí, meu escrivão! Nem água havia para os policiais, para os alunos – entre aspas – que estavam lá, no dia 8. Nem água! Imaginem o restante! Não vou nem falar de equipamento de proteção individual, que são os EPIs – equipamento de proteção individual, exoesqueleto, equipamento para conter aqueles bandidos que adentraram o prédio. Nem isso, eles tinham! Eles correram risco de vida. Risco de vida. Risco de morte.

Então, eu quero deixar isso bem claro antes de começar as minhas perguntas. Quem tem menos culpa eram os praças que estavam lá, naquele dia 8.

Coronel, em depoimento à PF, o senhor, coronel Marcelo Casimiro Vasconcelos Rodrigues, ex-comandante do 1º CPR – Comando de Policiamento Regional, declarou que ele mesmo chegou a solicitar apoio de força especializada do Batalhão de Choque, da cavalaria, das unidades de trânsito, no dia 8. Defendeu ainda que o quantitativo de policiais na área não era baixo. Isso aí é depoimento.

Para as informações recebidas previamente, se o quantitativo era suficiente, coronel, por que só havia 200, 300 – como o deputado Chico Vigilante falou – alunos policiais do curso de formação do CFP IX? Por que só havia esses alunos lá?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Tinha 580, não é?

DEPUTADO HERMETO – Não. O que dá é 300 policiais. Esses números oscilam de um para o outro. Eram 300 e poucos, tanto é que, 500, nós não tínhamos. No curso de formação, no CFP IX, o máximo que nós tínhamos eram 400 policiais, e nem todos estavam lá.

(Intervenção fora do microfone.)

DEPUTADO HERMETO – Trezentos e quarenta.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Bom, pelo relatório que a PM falou, 580. Pelo que eu recebi, tinha mais. Essa é a informação que eu tinha. Agora, no terreno – o senhor sabe, o senhor é um policial militar bastante experiente –, quem está no terreno, o oficial que está no terreno, tem a obrigação de conferir o efetivo que estava previsto e se chegou.

DEPUTADO HERMETO – Coronel, o senhor delegou ao major Flávio a função de comandar. O senhor delegou oficialmente, no papel, ou foi só...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não. No sábado, eu recebi uma ligação do Paulo José. Porque as coisas foram evoluindo. Na sexta, não tinha nada; sábado de manhã, era um cenário; sábado à tarde, era outro cenário; e, para o domingo...

DEPUTADO HERMETO – Não. Isso, o senhor já falou.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Os efetivos foram escalados no final do dia.

DEPUTADO HERMETO – Mas o senhor delegou a função para o major Flávio no papel ou de boca?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Verbalmente.

DEPUTADO HERMETO – Verbalmente.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Verbalmente. Eu deleguei e mandei um zap. Eu tenho o zap aqui que eu vou deixar para os senhores.

DEPUTADO HERMETO – Então, o senhor delegou a função ao major, que está preso, verbalmente?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – E pelo WhatsApp.

DEPUTADO HERMETO – Ok.

Ele passava para o senhor, momento a momento, o que estava acontecendo? Porque, como o senhor o designou... Nós sabemos que, quando há um comandante de uma fração, de um pelotão ou de uma companhia, mesmo que o oficial superior, o comandante, o coronel não esteja no terreno, ele continua monitorando as coisas e conversando com o comandante

que está na área. Ele conversava com o senhor?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Ele me ligou, sim, algumas vezes, mas não passava passo a passo por mim. Eu estava acompanhando através das notícias que eram repassadas pelo meu supervisor do CPR. Existe um supervisor que fica na área e ele me passava as informações. Eu também pegava informação pelos grupos de WhatsApp. Então, assim, o Flávio não ia passando os detalhes, até porque, quando você está comandando, tem muita coisa para fazer e não dá tempo de ficar reportando tudo. Mas ele me ligou para a questão da água. Para isso, ele me ligou. Ele me ligou por volta de umas onze horas, porque ele estaria liberando por questão do... me perguntando se teria o almoço, não é? Porque não teve, ali, o lanche.

DEPUTADO HERMETO – Os policiais nem almoçaram?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Almoçaram. Ele fez um esquema...

DEPUTADO HERMETO – Arrumou umas quentinhas lá...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É. A gente fez um esquema lá e ele, preocupado com isso, me ligou, porque ele queria que eu cobrasse da estrutura da PM, e eu fui atrás, mas não dava. O contrato que a PM tem pede que tenha dois dias de antecedência para você acionar a empresa. Então, não daria tempo.

DEPUTADO HERMETO – Então, vamos nessa pirâmide aqui, agora. Vou ser bem prático.

O senhor não elaborou nota de quantidade de policiais em hipótese alguma? É atribuição do DOP, certo?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso.

DEPUTADO HERMETO – O DOP designou o primeiro CPR, cujo comandante é o senhor, para acompanhar tudo que estava acontecendo no dia 8, certo? Vamos na cronologia.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, porque era ele que tinha que acompanhar. Eu acompanhava porque eu sou da área.

DEPUTADO HERMETO – Mas, coronel, quem pode mais pode menos.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É. Eu acompanhava, mas ele não atribuiu para mim essa função. Ele não delegou isso para mim. É porque, como eu falei aqui, eu estava de folga. Por uma questão de ser proativo, de ser responsável, eu estava acompanhando, mas ele não mandou eu acompanhar.

DEPUTADO HERMETO – É, mas o senhor, como oficial responsável que é...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Estava acompanhando...

DEPUTADO HERMETO – O senhor estava monitorando.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Estava monitorando.

DEPUTADO HERMETO – O major que o senhor designou...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso. Eu monitorava na supervisão, ali por cima, no meu nível de decisão.

DEPUTADO HERMETO – Está bom.

O senhor ainda afirmou, em depoimento à Polícia Federal, que, até o momento em que os vândalos romperam a linha da PM, as informações que chegavam aos superiores eram de que o estado de ânimo dos manifestantes era calmo.

O senhor, em algum momento, assumiu o comando da operação? E a quem o senhor se reportava no momento da manifestação? O coronel Naime lhe passou alguma missão específica – ou o coronel que estava na função do coronel Naime?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não. Ninguém me repassava nada. Eu não repassava.... Porque as informações estavam no WhatsApp. N grupo de que eu

fazia parte – um dos grupos de que eu fazia parte, que era o Prioridade, que é da inteligência da PM –, lá eram colocadas as informações. Então, de lá fazem parte o coronel Fábio Augusto, os outros coronéis, eu, o coronel Paulo José. Então, ali estavam as informações que eu precisava, mais algumas que o meu supervisor me mandava zap. Então, assim... Agora, se o senhor quer saber o desenrolar dos acontecimentos e tudo, isso não. Isso não foi repassado.

DEPUTADO HERMETO – Não?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Só a partir do momento que eu cheguei no local, e a gente se comunicava.

DEPUTADO HERMETO – Que horas que deu... Quando você viu que deu PT – PT não é o partido, é perda total –, quando vocês viram que desenfreou tudo, e começou a loucura, que horas foi?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Começou o...

DEPUTADO HERMETO – PT é perda total, para quem não sabe. Perda total do controle da operação. Não é o Partido dos Trabalhadores.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O que que aconteceu? Começou, a gente não sabia o horário que ia descer. Quando começou a descer, eu vi que começou a descer, eu já comecei a me preparar, acionei o meu motorista e tudo. Logo depois, eu fui para o local, e já tinha acontecido tudo. Eu fui lá para trás. E, aí, quando um coronel pisa no terreno, eu assumo as responsabilidades. Aí, sim, as responsabilidades são minhas, quando eu piso no terreno.

DEPUTADO HERMETO – Mas o senhor não monitorava pelo telefone?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, algumas informações, sim, monitorava. Mas eu tenho uma política que eu aprendi comandando várias operações. Quando eu escalo alguém para comandar, eu não fico interferindo, senão atrapalha. Eu deixo ele comandar. Se ele precisar de auxílio, se eu vir alguma informação que eu receber que foge do controle, eu ligo. Falo: "Ó, isso aí não está legal, aja assim". Eu oriento. Eu sempre fui muito preocupado com o meu subordinado. E aí eu deixo a pessoa comandar, porque, se a gente fica interferindo, um manda uma coisa, outro manda outra coisa, aí choca. Eu não sabia que o comandante-geral estava no terreno, o DOP tinha ordem dele. Então, eu tenho essa política. Deixa ele comandar. Eu não fiz essas interferências.

DEPUTADO HERMETO – Nós sabemos que, primitivamente – isso eu posso falar, o senhor também sabe –, se a multidão passou ali da rodoviária, chegou à catedral, e não há nada para contê-la – os gradis, nem nada –, pode dar confusão geral. Na nossa corporação isso é básico. É verdade ou não é?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É.

DEPUTADO HERMETO – Passou. E eles passaram lá por volta de... Antes das 2 horas da tarde, não foi?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É. Eles chegaram ali por volta de 2 horas.

DEPUTADO HERMETO – Duas horas.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Só que os ânimos... Eles mudaram os ânimos da linha de revista – porque eles foram revistados. Eles romperam, assim, aquela imagem que rompe a linha... Na verdade, assim, é porque eles não queriam ser revistados. E aí a Polícia Militar segurou – passaram poucas pessoas ali –, jogou gás, mas segurou, e eles foram revistados. Só que os ânimos, eles mudaram da linha de revista para a linha de contenção em frente ao Congresso Nacional. Foi ali, quando chegou lá... E eu vendo as imagens depois – porque eu só vi isso depois, eu não acompanhei, eu não estava no terreno, eu não vi no local. Então, para mim, ficou bem claro, vendo as imagens – e eu já vi essas imagens, sei lá, umas 30 vezes –, que houve uma articulação muito grande dessa turba agressiva. Eles puxaram o gradil de forma coordenada, do Ministério da Justiça até o Ministério das Relações Exteriores foi de uma só vez. Para mim, aquilo foi muito coordenado.

Eles puxaram os grades e foram para cima dos policiais. Aí a gente tem que identificar quem são os criminosos. Os criminosos não são os policiais militares. Os criminosos são essas pessoas. E há que ter uma distinção entre os manifestantes e os criminosos. Quem quebrou, quem fez isso são bandidos. Agora, a Polícia Militar... Uma coisa, deputado: em outras épocas do passado, nunca foi responsabilizada a Polícia Militar porque criminoso adentrou lá e quebrou prédios públicos. Já houve. Não nesse nível. Foi muito triste o que aconteceu.

DEPUTADO HERMETO – Sabe por que, coronel? – desculpe-me interromper o senhor. Porque todas as vezes – e eu participei – em que houve algum tipo de incidente na Esplanada dos Ministérios, o nosso efetivo era infinitamente suficiente para contê-lo. O nosso efetivo estava preparado. Se acontecia um fato isolado, nós não éramos crucificados, porque tínhamos efetivo, nós tínhamos efetivo. E nós não tínhamos efetivo suficiente para conter os vândalos, não havia, coronel. Disso aí não adianta fugir. Falta de efetivo. Não havia. E sabemos que, quando passam dali, não se controlam mais. Eles podem até dar uma de santinhos perto do... Passou a revista, se não houver linhas, primeira linha, segunda linha, terceira linha... O senhor sabe melhor do que eu – o senhor é coronel de polícia, eu só cheguei a subtenente –, se não houver as linhas de contenção, ninguém segura. Isso é básico no policiamento na Esplanada dos Ministérios, deputado Pastor Daniel de Castro; é básico, aprendemos no curso de formação – a primeira linha, a segunda linha e aí vai. Não havia.

No relatório da reunião de trabalho, realizado no dia 6 de janeiro, consta que o senhor solicitou que fosse realizado o reforço das portarias da segurança dos prédios federais e que não poderia se descartar a possibilidade de invasão a prédios públicos. Esse reforço era para ter sido feito por parte de quem, coronel? O senhor mesmo que fala no relatório.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu até li aqui, na mensagem da ata que eu passei para o coronel Fábio Augusto. Eu tive essa preocupação de pedir esse apoio, mas eu tenho que falar pela Polícia Militar, eu não posso falar dos outros órgãos.

DEPUTADO HERMETO – Certo. Era somente da PMDF nesse documento?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, tinha outros órgãos envolvidos, mas eu quero me ater à Polícia Militar.

DEPUTADO HERMETO – Então, não houve o reforço, não é?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu cheguei lá depois, deputado, eu não sei como estava disposto no terreno.

DEPUTADO HERMETO – Coronel Casimiro, durante a reunião do dia... Essa pergunta o senhor já respondeu para o deputado Chico Vigilante. Eu não vou fazê-la para meus colegas terem tempo. Eu vou ser bem objetivo. Já foi riscada. O deputado Chico Vigilante já a fez. Eu não vou insistir com uma pergunta que o senhor já respondeu.

O representante do Senado, senhor Gabriel Dias, afirmou que o Congresso Nacional estava gradeado, e o senhor Hipólito, representante do STF, afirmou que a Praça dos Três Poderes estava gradeada, com as laterais abertas, podendo ser fechadas rapidamente no dia 8 de janeiro. Essas grades estavam lá, coronel?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Olha, a informação que me passaram é que as grades estavam lá, mas, depois de tudo o que aconteceu, pelo que eu entendi, não tinha o barramento, não é? Estava colocado de forma incorreta.

DEPUTADO HERMETO – O senhor demonstrou preocupação com a presença de manifestantes na Via S2, no relatório da reunião de que o senhor participou, considerou que essa presença seria um possível ponto de vulnerabilidade. O que foi feito para evitar isso, coronel? O senhor manifestou essa preocupação.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu tinha escalado. No meu comando, eu mantive dez viaturas. Eu tinha oito de GTO. Por que eu escalei esse...? Justamente para essas coisas que vão acontecendo. E eu botei isso a comando do meu supervisor para fazer...

DEPUTADO HERMETO – Do major?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não. Do supervisor de dia, ao CPR. Só para que as pessoas entendam: cada batalhão tem um tenente, que é o CPU – Coordenador de Policiamento de Unidade. Todos esses tenentes são subordinados aos comandantes de batalhão. E eu tenho, no dia a dia – o CPR e qualquer comando de policiamento tem –, um supervisor de toda essa área, de todos esses batalhões, que supervisiona esses tenentes e o policiamento, – ou seja, está acima desses tenentes, vamos dizer assim – e ele estaria com essa responsabilidade.

DEPUTADO HERMETO – Eu nem vou fazer esta pergunta para o senhor, porque já a fiz: quem fez e como foi feito o planejamento para o dia 8? Até o momento, eu não sei, ainda, quem planejou. O senhor sabe, deputado Chico Vigilante? Eu não sei até agora.

Sobre os equipamentos, EPI é Equipamento de Proteção Individual. O coronel Fábio fez questão de destacar que o problema da linha de frente no Congresso Nacional – o comandante-geral falou aqui – foi a falta de equipamento dos policiais. Quando o senhor passou a função para o major, não passou que os policiais tinham que estar equipados? O senhor passou essa ordem, essa determinação?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Passei. Está aqui, vou deixar a mensagem. Eu falei sobre a logística para o meu efetivo. Veja bem, eu não mando e não escalo o efetivo dos outros comandos. Então, não sou eu o responsável de falar para os efetivos dos outros comandos. Lógico que isso... Quem vai para a Esplanada – e isso as pessoas já sabem – tem que vir com equipamento. Isso, como a gente fala, já está na massa, já sabe que tem que vir. Mas eu não sou o responsável. Para o meu efetivo, eu escalei o efetivo da companhia de pronto emprego para se reunir no 3º Batalhão e eu tenho aqui o *whatsapp* em que eu mandei fazer toda a logística. Às 7 horas da manhã, quem estava no terreno tinha que conferir essas coisas. Eu estou aqui, e não quero jogar para baixo nem para cima. Eu respeito muito tanto os coronéis como o major, mas eu tenho que falar o fato como ele aconteceu. Eu respeito muito eles, tenho uma consideração e um respeito por todos eles, mas eu tenho que falar os fatos como eles são.

DEPUTADO HERMETO – Tem o quê?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu tenho que falar os fatos. É porque a gente está falando aqui... Eu falo muito do major e tudo. Às vezes, fica parecendo que eu estou querendo jogar só para ele. Não é. Os fatos aconteceram dessa forma e eu tenho a obrigação de estar firmado na verdade.

DEPUTADO HERMETO – Na sua concepção, faltou planejamento, faltou número de policiais?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Depois de tudo acontecido... Porque foi uma sucessão de fatos. E isso prejudicou muito.

DEPUTADO HERMETO – Faltaram policiais?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Depois de tudo acontecido, poderia ter tido mais policiais, sim. Sem dúvida, poderia ter tido. Mas isso vendo da perspectiva do depois. Para aquele momento em que você não tinha informação, não tinha análise de risco, não tinha inteligência, não tinha nada – para aquele momento –, até onde foi me passado, foi como eu falei na Polícia Federal e afirmo – eu fiz essa declaração na Polícia Federal: era razoável o efetivo para aquela informação. Para hoje, se a gente tivesse a informação que iriam invadir, que iriam quebrar tudo... Nossa, eu seria o primeiro – eu nunca fui irresponsável –, eu seria o primeiro a pedir para o comandante-geral, a pedir para o DOP... Eu iria escalar todo o efetivo disponível que eu pudesse escalar. E eu mesmo escalaria se eu visse que tivesse... Não foi o que aconteceu, mas, se eu visse que alguém não queria escalar, eu escalaria do meu, entendeu? Não sei se seria suficiente, mas, em hipótese alguma, eu deixaria aquilo daquela forma.

DEPUTADO HERMETO – Então, o senhor concorda que houve erros no planejamento?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Houve más decisões.

DEPUTADO HERMETO – No planejamento?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Más decisões.

DEPUTADO HERMETO – O DOP planeja e executa ou ele só planeja – para o público que está vendo a gente entender melhor?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O DOP planeja. Através dos comandos regionais – há 6 comandos regionais mais os 3 especializados –, ele determina o que cada comando tem que fazer. Aí, os comandos mandam os comandantes de batalhões, fazem as divisões dos efetivos e mandam fazer as escalas.

DEPUTADO HERMETO – O DOP tem o poder de falar assim: “Oh, eu quero tantos policiais de todo o Distrito Federal para ir para a Esplanada dos Ministérios”. Certo? Certo, coronel?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Certo.

DEPUTADO HERMETO – Ele fala assim: “Eu quero tanto da Ceilândia, tanto da Samambaia”

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso.

DEPUTADO HERMETO – Ou “vai o policial que estiver de folga, no voluntário”... Enfim, o DOP tem esse poder de mobilizar toda a Polícia Militar – só para os meus colegas parlamentares e a imprensa entenderem. Se eu estiver errado, o senhor me corrija. O DOP tem o poder de mobilizar toda a instituição Polícia Militar para a execução de uma operação. Estou errado?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É isso mesmo, até porque a gente trabalha com efetivo muito baixo. A gente está trabalhando com quase 50% a menos do efetivo. Então, um comando regional sozinho... Por exemplo, o meu mesmo aqui – que é um dos mais complexos, que é onde eu estava, hoje não estou mais –, o 1º CPR é muito complexo. Se ele não contar com o apoio dos outros comandos, ele não consegue fazer. Ele não consegue. Como eu falei e repito: aquela operação não era uma operação do 1º CPR. Nunca foi. Por exemplo, jogo de futebol de time do campeonato brasileiro, grandes *shows* – ou *shows* ou futebol – são eventos da cidade, são eventos de Brasília, não são eventos... São eventos da Polícia Militar. Precisa ter um planejamento macro que não seja só do comando regional – 1º CPR –, por quê? O 1º CPR não dá conta de manter o dia a dia das cidades. São 6 batalhões nesse dia a dia e ainda ter esses grandes eventos e a vida de cada cidade. Cada cidade tem pequenos eventos. Por exemplo, eu já cheguei, no final de semana, a ter 50 ordens de serviço. É muita coisa: você tem que manter esse policiamento nesses eventos, mais o atendimento de emergência. Então, não é fácil. A gente precisa que o DOP faça essa distribuição dos efetivos com os outros comandos.

DEPUTADO HERMETO – Eu quero terminar a minha fala, as minhas perguntas, dirigindo-me aos meus colegas deputados, à imprensa que está aqui, para dizer uma coisa: tudo o que o coronel está falando e todos os que passaram aqui sempre batem na tecla de efetivo. A Polícia Militar está envelhecida – a grande maioria. A Polícia Militar está indo embora. Os policiais – a maioria deles –, doentes. Havia 15 mil ou 16 mil homens há alguns anos. Hoje, há 10 mil, no máximo. E a perspectiva, senhores que estão me vendo agora e me ouvindo, é preocupante. O efetivo para ir embora... Hoje, há mais de 2 mil homens prontos para irem embora, que têm todas as prerrogativas para irem embora. Deputado Chico Vigilante, com todo o respeito, ainda me vem uma pessoa com uma mente luminosa – inclusive, agora, sabemos de onde partiu isso – colocar o Fundo Constitucional no foco que colocou agora: no arcabouço fiscal.

Daqui a 5 anos, deputado Chico Vigilante, se o Senado não mudar isso, não haverá concurso para a Polícia Militar, para a Polícia Civil. A situação será caótica. Caótica! Mas, como dizem que vivemos numa bolha... O ministro da Casa Civil disse que a gente vive numa bolha, que Brasília é um mar de rosas! Eu acho que ele nunca foi à Estrutural, ele não conhece o Sol Nascente, ele, talvez, nem conheça Ceilândia! O desrespeito que esse ministro fez com Brasília... Ele desrespeitou os conterrâneos dele, os baianos, que aqui, como eu, nordestino, vieram criança para sobreviver em Brasília. Ele desrespeitou os baianos, os filhos dos baianos e dos nordestinos. Ele esqueceu que Brasília interiorizou o país. Se não fosse Brasília, o que

seria do Goiás, o que seria do Mato Grosso, o que seria desse cinturão agrícola que há no Centro-Oeste?

Esse é um desabafo que eu estou fazendo ao ministro Rui Costa. O senhor... Eu tenho certeza de que o DNA de ter colocado o Fundo Constitucional no arcabouço fiscal, para diminuir o valor, partiu desse cidadão.

Muito obrigado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Concedo a palavra, por até 25 minutos, ao deputado Fábio Félix.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Obrigado, senhor presidente.

Boa tarde, coronel Casimiro Vasconcelos Rodrigues.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Boa tarde.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Seja bem-vindo à Câmara Legislativa do Distrito Federal. Lamento muito que o senhor tenha sido agredido no dia 8 de janeiro, como foi relatado aqui, de forma brutal, com pedras e outras agressões pelos golpistas. Eu os chamo de golpistas pela ação violenta que eles tomaram naquele dia. A nossa intenção, com esta comissão parlamentar de inquérito, é, sem dúvida, desvendar, descortinar o que, de fato, aconteceu aquele dia. O meu papel, como parlamentar, é buscar também a verdade, independentemente do depoente que se sinta nessa cadeira, é perguntar aquilo que nos ajuda a desvendar a verdade.

Muitos aqui falam em narrativas, mas, se a opinião pública observar bem, esses mesmos que falam, às vezes, sequer fazem uma pergunta. Gastam o seu tempo todo simplesmente discorrendo sobre aquilo que pensam do tema. No nosso caso, nós queremos fazer um trabalho sério, independente, que apure a realidade do que aconteceu naquele dia e as responsabilidades daqueles que cuidam do Distrito Federal e, no caso, a Polícia Militar é fundamental para esse processo.

Eu acompanho manifestação há muito tempo no Distrito Federal e sei da importância da Polícia Militar. Eu sei a técnica e conheço um pouco a legislação dessa área, por ter já negociado, do outro lado, inúmeras manifestações como ativista, como militante. Sei das limitações e também dos êxitos da Polícia Militar em inúmeras manifestações e movimentações.

Estamos aqui para apurar a realidade. Nós também não podemos ter como verdade dizer que o que aconteceu naquele dia seja uma obra do acaso. Naquele dia, houve erros concretos, cometidos pela instituição que tem a maior responsabilidade pela segurança pública da Esplanada dos Ministérios, que é a Polícia Militar do Distrito Federal. Não se apura, nem sequer se chega a apurar a responsabilidade daqueles da segurança pública dos prédios, se a Polícia Militar cumpre o seu papel com efetividade, porque não chegam aos prédios as ocorrências; dificilmente elas chegam aos prédios. Então, acho importante nós hierarquizarmos também as responsabilidades, com responsabilidade, do papel que nós temos nesta casa.

Primeiro, coronel, na reunião da Sopi para elaboração do PAI 2, segundo a ata a que nós tivemos acesso, o senhor disse que já havia recebido um fôlder de convocação para manifestação falando – abre aspas –: tomada do poder pelo povo. O senhor pode me dizer de quem o senhor recebeu esse fôlder?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Pelas redes sociais, a gente recebeu vários fôlderes. Eu não lembro ao certo de quem foi, não é? Mas eu recebi, deputado, também...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Vários materiais.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É. Alguns das redes...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Inclusive diz aqui que, na mesma reunião, o senhor afirmou que circulavam áudios de invasão de prédios públicos, que havia a possibilidade de uma manifestação escalar, e que isso não poderia ser descartado. O senhor lembra de quem? Também são grupos?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É, vários grupos a gente ia recebendo. Eu também recebi esse aqui que fala: “Não vá! É cilada. É fake.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor recebia dos dois lados.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Dos lados...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor acha que as informações que o senhor tinha não davam consistência para uma análise.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso. Apesar de que não é eu que tenho que tomar decisões macros, de planejamento, mas, assim, a gente pode assessorar, pode falar.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Claro.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Pode conversar. A gente é responsável e não vai...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o senhor não tem responsabilidade pela inteligência.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso. Pode alertar. Então, aí já foi falado aqui que essas postagens, ela não te dá um relatório de inteligência, do risco.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o que ficou registrado na ata da reunião, o senhor fala do risco.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Falo do risco.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor fala em tomada do poder.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Falo do...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor não fala dessa dúvida, o senhor não fala da dualidade.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Assim, quando a gente vai para a manifestação, sempre o risco existe. Eu confesso que eu não imaginava que seria com essa violência toda, esse crime todo que foi essa depredação toda que aconteceu. Isso não passava na minha cabeça. Mas o risco de acontecer alguma coisa com os prédios sempre existe numa manifestação.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – A inteligência tinha feito alguns relatórios. Nesses relatórios a inteligência era incisiva, inclusive dando as condições de que o ato poderia se radicalizar. Não seria o caso de a operação ter sido mais bem preparada?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não recebi esses relatórios.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Você não recebeu o relatório da inteligência?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Nenhum.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, é importante ficar registrado que...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não recebi relatório nenhum.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – ... o coronel não recebeu nenhum...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Nenhum.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – ... relatório da inteligência e não teve informação desses relatórios...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – ... por parte do chefe do DOP ou nenhum superior. Correto?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Nenhum.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O coronel Paulo José recebeu mensagem, encaminhou ao senhor, de acordo com a reportagem da imprensa, que as pessoas estavam preparadas para a guerra. Podem colocar na tela uma imagem de matéria do portal Metrôpoles, por favor? Uma

materia do portal Metr6poles coloca: "Estou com um camarada me informando de dentro do acampamento". Depois a outra: "Agora eu vou te falar, Paulo, eles vieram preparados..." – isso foi ele recebendo a informaça3o – "...eles vieram preparados para a guerra mesmo". Isso foi no acampamento, porque eles ficaram lotados. Isso foi a mensagem que o informante mandou ao coronel Paulo Jos3. "Eu vou te falar, Paulo, eles vieram preparados para a guerra mesmo. Pelo que vi, n3o v3o ceder, de forma alguma. V3o para o tudo ou nada. Ouvi muitas conversas referindo at3 mesmo 3 morte, mas n3o v3o se render. A coisa t3 mais s3ria do que muitos brasileiros est3o imaginando". Essa foi a mensagem de um suposto informante do coronel Paulo Jos3. Ele encaminha ao senhor essa mensagem. O senhor teve acesso a essa mensagem?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Esse... 3, parece que foi um porteiro, uma pessoa que ele conhecia. N3o era uma pessoa de intelig3ncia, n3o era uma pessoa da seguran3a p3blica, n3o era uma pessoa...

DEPUTADO F3BIO F3LIX – O senhor tem como informar para n3s o nome desse porteiro para que a CPI possa fazer a convoca33o?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu n3o sei sobre o nome. S3 o Paulo Jos3 vai poder responder. E essa informaça3o, como outras que a gente vai recebendo pelo WhatsApp, repito, carece de uma an3lise mais aprofundada, n3o 3?

DEPUTADO F3BIO F3LIX – Coronel, mas aqui ele diz: "Estou com um camarada me informando de dentro do acampamento." Quer dizer, ent3o, que j3 tinha havia informaça3o.

3 bom registrar que o alojamento dos golpistas que vieram de diversos estados foi novamente autorizado pelo Ex3rcito. Eles ficaram na mesma localidade do acampamento que n3s chamamos de acampamentos antidemocr3ticos que aconteciam em frente ao quartel-general. Ent3o, n3o se trata, naquele momento, de pessoas rezando, orando, at3 porque o senhor tamb3m foi ferido, depois, com pedras na opera33o.

Que fique muito claro aqui que as informa33es que o suposto informante estava passando era de um clima de guerra, que podia dar em morte. Essas s3o as informa33es que est3o dadas na conversa.

Ent3o, eu entendo que o senhor disse que n3o era o respons3vel pela intelig3ncia.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – 3. Tem que perguntar para o Paulo Jos3 o contexto disso, quais as outras informa33es que ele recebeu. Eu imagino que pode ter conversado outras vezes. Eu n3o sei sobre isso.

DEPUTADO F3BIO F3LIX – Ent3o, o senhor recebeu essa mensagem, mas n3o achou que ela fosse t3o relevante.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – 3. E outra coisa que eu queria deixar claro...

DEPUTADO F3BIO F3LIX – Hein, coronel, o senhor recebeu essa mensagem, mas, dada a fonte, para a qual o senhor n3o deu credibilidade, o senhor n3o achou que fosse t3o relevante?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – N3o. Eu recebi do Paulo Jos3. Tem l3 no meu telefone. Eu acredito que a Pol3cia Federal, que est3 com o telefone do Paulo Jos3, viu essa mensagem l3. Mas, assim, a gente recebia not3cias diversas, n3? A3, tinha que ir fazendo, vamos dizer assim, algumas an3lises, n3? E, detalhe: a gente participa de diversos grupos. S3 para ter uma ideia aqui: eu, 3s vezes, n3o parava muitas vezes. Eu amanhecia no WhatsApp e dormia no WhatsApp. 3s vezes, eu tinha 800 mensagens no meu celular. Eu n3o dava conta de...

DEPUTADO F3BIO F3LIX – Sim, mas, no caso, essa era do coronel Paulo Jos3 – que 3 o seu superior – para o senhor.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso. N3o. Essa, eu falei aqui, eu recebi.

DEPUTADO F3BIO F3LIX – Ent3o, o senhor teve conhecimento dela.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu recebi essa mensagem, mas eu não dava crédito assim...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – É porque a gente tem muita coisa mesmo no celular, mas a gente tem juízo, não é? Quando é um desses mais próximos ou alguém...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso. Mas eu não dava crédito. E era uma coisa que foi tratada por ele. Como ele estava tomando as providências a nível macro... O meu era a nível micro de supervisão. Então...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor, coronel, disse no depoimento que o senhor prestou à Polícia Federal que não chegou a ler o PAI nº 2, o relatório final do PAI. Faltou tempo para ler? É importante essa leitura?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não li oficialmente. O que aconteceu? Esse PAI foi encaminhado para o DOP, e o DOP encaminhou isso para o 1º CPR. Eu só fiquei sabendo depois.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Se pegar o Sistema SEI, mostra lá o caminho do documento e quem recebeu e quando abriu.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Entendi.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Está lá a prova de quem abriu, de quem leu, quando recebeu. Eu fui saber desse documento oficialmente só depois.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Está certo.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Mas como eu tinha participado da reunião, e, como eu falei aqui, a operação ali da Esplanada não foge muito. A gente faz aquilo ali quase diariamente, não é? Uns menores, outros maiores. Quando é menor, é só a nível do 1º CPR. Então, a gente já tem essa experiência.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Está certo. Então, só para eu entender: então, o senhor não leu oficialmente. O que isso significa? Significa que o senhor não leu o documento?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu recebi ele no WhatsApp.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então o senhor leu o documento no WhatsApp?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não. Eu recebi ele no WhatsApp, dei uma olhada rápida e mandei ele, no WhatsApp, para o Flávio, o major Flávio.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Tá. Depois...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Mas, veja bem: isso é só uma diretriz; não é um planejamento.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Está certo.

Depois disso, em geral, é feito um plano operacional, correto?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – A nível do DOP, sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, não é função do comando do senhor, naquele momento, fazer o plano operacional?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não é... Naquele dia, não era atribuição, não foi atribuído.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor teve alguma informação sobre o motivo de ele não ter sido elaborado?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não sei. Tem que perguntar...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor já foi atribuído em outros momentos para elaborar esse plano operacional?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Já.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – No dia primeiro, por exemplo, o senhor...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu já fui atribuído, sim, quando o DOP, no planejamento dele, ele faz o planejamento e ele...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Dia primeiro foi o senhor ou não?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – No dia primeiro, o coronel Naime atribuiu num documento a posse do governador para o 1º CPR. Então, ele faz o planejamento macro, e ele atribui dentro do planejamento do DOP para o 1º CPR.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Entendi. O senhor está dizendo que não recebeu informações de inteligência no dia anterior?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sábado. Nenhuma informação? Nem as informações que eram enviadas pelos grupos de WhatsApp que foram dados como oficiais? O senhor não participava desses grupos?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Esses da inteligência de que eu estou falando, esse de inteligência das informações...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Eu digo da Subsecretaria de Inteligência. Aquelas informações...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Ah, sim, da Subsecretaria. Não, não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Aquelas informações e relatório que a doutora Marília... O senhor participava daqueles 2 grupos de WhatsApp?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Qual deles?

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Os grupos de WhatsApp Perímetro...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – No Perímetro eu fui incluído. Lá tinha uma oficial da inteligência da Polícia Militar, tinha o major Flávio, tinha... deixa eu lembrar...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Do grupo Difusão o senhor participava?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Do Difusão, não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Essa informação da Secretaria de Segurança...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor não teve acesso a nenhum relatório...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – De inteligência não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Da inteligência do dia anterior?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Essa tratativa é feita pelo DOP. Às vezes, pelo próprio comando da corporação junto com a secretaria. Não foi feito por mim. Eu só tratava desse assunto quando o DOP me mandava.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O DOP não enviou para o senhor?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Vou explicar rapidamente o porquê. Porque, quando eu vou à secretaria, eu assumo a responsabilidade pela Polícia Militar.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Certo.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Quando ele atribui isso para mim, aí eu vou lá e reporto para ele.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – E sobre a questão da operação? Houve alteração no horário da convocação de alguns PMs de 8 horas para 15 horas?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Houve. O que acontece...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Quem eram esses policiais?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu tenho a ordem de serviço aqui. O que aconteceu? O grupo do GPE – Grupo de Pronto Emprego do 6º Batalhão.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Eles eram para chegar às 8 da manhã e depois mudou para as 15 horas?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Quem mudou isso? O senhor que mudou?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Fui eu que mandei. Por que eu mandei? Porque eles trabalharam no sábado.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Porque às 15h os prédios já tinham sido invadidos.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso, isso. A gente não tinha o horário da manifestação. Aí, na... Eles trabalharam no sábado, não é? No final do dia, quando eu conversei com o major Flávio, que, além de comandante da operação no terreno, era o comandante em exercício, porque a tenente-coronel Kelly tirou férias. Ela foi minha subcomandante no dia primeiro. E ela tirou férias...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Isso.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – No dia primeiro. E aí falei para o Flávio: "Flávio, coloca o grupo de pronto emprego a partir das 15 horas, porque o DOP está concentrando o maior efetivo na parte da manhã, a partir de 7 horas". E eu sempre tive uma dificuldade... porque, quando acontecia manifestação de manhã, que o DOP me dava efetivo...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – E o senhor sabe quantos são esses que o senhor...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – São em torno de 15 policiais. Não faria, assim, tanta interferência no efetivo. São em torno de 15 policiais.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor sabe quantos policiais haviam sido convocados para a operação do dia 8 na Esplanada?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Aquilo que eu já falei aqui dos efetivos. É aquilo que estava previsto.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Quantos?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – A companhia de pronto emprego do meu CPR – 54 policiais –, uma companhia de pronto emprego...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor sabe o total, só para nós...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Dá 300, com as especializadas. É aquele relatório lá: 580.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Vamos ver a foto, só para vermos, mais ou menos... Há uma foto de quantos policiais há. Acho que é um vídeo, na verdade, de quantos policiais estavam na linha de frente de contenção ao Congresso. Isso é para termos uma noção, porque há muita gente falando... inclusive, acho que o relatório do interventor fala em menos de 200 policiais, acho que isso ajuda a entendermos.

Quem definiu, coronel, a quantidade de policiais?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O Departamento Operacional.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Quem definiu se era prontidão? O ato foi assinado pelo subcomandante-geral, que mudou de prontidão para sobreaviso. Mas o senhor sabe se houve alguma orientação, ou do CPR...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não sei, essa tratativa não é minha. Então essa é uma tratativa do DOP com o comando da corporação.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O coronel Fábio disse que tinha um planejamento inicial

de usar 440 policiais. Foi o que ele disse em depoimento. Depois ele mandou dobrar. O senhor tem notícia se isso foi cumprido? Quatrocentos e quarenta, se ele mandou dobrar, então, seriam 880.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É, essa ordem ele não deu para mim. Não sei se ele deu essa ordem.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas ele não dava ordem direto para o senhor em geral?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu até conversava com ele, mas ele não deu essa ordem para mim e, mesmo que ele desse para mim, eu dependeria do DOP para acionar os outros efetivos dos outros comandos. Então, eu não dava ordem para os outros comandos.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Eu não tenho nada contra os alunos do curso de formação, ouviu, deputado Hermeto? Acho, inclusive, deputado Hermeto, que os alunos do curso de formação colaboram muito. Mas não é estranho, se você tem um grupo de até 300 policiais, que 170 sejam do curso de formação? Isso não fragiliza a ação, do seu ponto de vista, porque, realmente, essa não é minha área?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eles já estavam sendo empregados em diversas operações, já tinham tido curso e praticamente já tinham acabado. Quinze dias depois, eles se formaram. Eles já eram praticamente soldados formados. Eles já tinham... Sim, não tem essa expectativa...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas é diferente, não é, coronel?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É diferente, sem dúvida.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Uma experiência ali do trato, não é?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Mas, assim, eu não sei por que eles foram colocados lá na linha. Não fui eu que determinei, mas eu penso assim: policiais novos são mais engajados, são mais... A gente fala que têm uma vibração, não é? Têm um ânimo a mais.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Entendi.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Agora, eu não vejo assim que foi isso o...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O grande problema.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – ... O que foi para fazer com que as pessoas passassem. Pelo contrário.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Eu não concordo muito com a comparação, por exemplo, com a posse, porque, na posse, você tinha muitos outros policiais e esses também somados à ação. Então, assim, a experiência conta no comando, na ação, no trato.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Conta.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, eu vejo que não dá para comparar muito como já foi feito aqui. O BP Choque foi convocado?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu, apesar de não ser obrigação minha, no dia 5, eu vendo que, nas redes sociais, estava tendo isso tudo, por uma precaução, eu fiz um ofício pedindo o BP Choque. Agora, eu peço isso para o DOP. Ele que manda.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Ele que comanda.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – E o outro comando, que é o comando de policiamento de missões especiais, é que vai falar quem vai estar no terreno. Eu não tenho interferência nisso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor sabe se o Choque Montado foi convocado? E o BP Cães?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – No dia eu não sabia. Eu vi

depois que parece que não estava por completo lá.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não estavam nem BP Cães nem o Choque Montado? O veículo Centurion estava presente?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – No dia... Todas essas questões, veja bem...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O veículo Centurion é um que dispara água, não é isso?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu vou mostrar uma foto que o senhor vai ver lá. Veja a foto da linha.

(Apresentação de vídeo.)

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Esse veículo Centurion é aquele que joga pressão de água. Ele estava presente, o senhor sabe?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Estava presente. Ah, aí não vai aparecer.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor acha que há quantos policiais nessa foto?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Tem que verificar, mas, com certeza, tem mais de 150, ou por aí.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – É, eu acho que é a conta que fizeram. Cento e cinquenta policiais. É a conta que fizeram, que também não dá conta, e não deu conta do processo.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Agora, atrás dessa linha tinha policiais do Choque, que é a segunda linha.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O veículo Centurion estava presente, aquele que joga água de pressão?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Estava presente.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – E o senhor sabe se ele estava funcionando? A gente teve uma informação de que ele não estaria funcionando no dia.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Essa informação tem que ver com o pessoal do Choque.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O coronel Fábio Augusto afirmou que chegou à Esplanada para fazer uma conferência do local, inclusive dos gradis, circulou, e, parece-me, não tinha visto tantos problemas às 7 horas da manhã. O senhor chegou ao local...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Foi depois.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor estava de folga, não é?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É. Na verdade, eu trabalhei a semana toda, eu trabalhei no final de semana anterior, virando...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor chegou lá que horas?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu cheguei lá depois dos acontecimentos, já na parte de trás. Eu não participei do...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O coronel Paulo José falou que estava à frente do DOP e afirmou em depoimento que, às 14 horas, ligou para o senhor, perguntando se o efetivo do local era suficiente. O senhor lembra o que o senhor respondeu para ele?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O senhor pode repetir?

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O coronel Paulo José disse em depoimento que, mais ou menos, às 14 horas, ligou para o senhor, para saber se o efetivo era suficiente. Perguntou isso para o senhor em ligação. O senhor lembra o que o senhor respondeu para ele?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não me lembro disso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Porque ele não viu presente o Choque montado. Eu acho

que isso gerou preocupação.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É, não lembro.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não lembra? Certo. O senhor sabe por que não foram providenciadas a alimentação e a hidratação aos policiais? Quem era responsável por isso?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É porque não houve as informações... Você vai na sexta-feira, não tem nada. Sábado, não sabe o dia que vai acontecer e a hora. Não sabe quem está vindo. Não sabe quantos ônibus. A coisa vai evoluindo. E aí isso depende de contrato, para acionar o contrato... Está lá nos contratos. Inclusive, hoje, só para conhecimento, eu trabalho na Diretoria de Apoio Logístico e Finanças, onde tem a sessão de contrato, e a empresa é muito rigorosa nisto: você tem que acionar com antecedência tanto a parte de alimentação quanto a parte de internet.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, não foi possível porque o planejamento foi muito em cima?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Foi muito em cima, as coisas foram evoluindo e dificultou.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Eu vou ler aqui um trecho do depoimento do major Flávio Alencar à Polícia Federal. Ele declara ter achado muito estranho ter sido convocado pelo coronel Casimiro – aspas dele, ouviu, gente – para gerenciar o efetivo empregado naquele dia por sua patente de major que, comumente, comanda o efetivo em manifestações pequenas, por exemplo, a dos estudantes. No caso de manifestações grandes, como a ocorrida no dia 8 de janeiro, em regra, a patente de comando é a de tenente-coronel ou coronel.

Por que você escalou ele e não alguém de patente mais compatível com a missão? Eu estou usando como parâmetro a declaração dele. Então, tecnicamente, não é minha a reflexão.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Vamos lá. Eu, enquanto major, trabalhei aqui, no 1º Batalhão, Asa Sul. Eu comandi diversas vezes coisas muito mais complexas que essa. Já perdi as contas de quantas vezes. Então, quando a gente dá ordem para um major, hoje, sendo coronel, a gente dá ordem sabendo o que está fazendo. A gente sabe e o major Flávio é um policial altamente capacitado, um oficial com curso de Rotam, curso de Gtop, estava todo dia na Esplanada, porque o 6º...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor acha que isso foi um erro do senhor ou não?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, pelo contrário, o major era o mais capacitado, todos os outros são também.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Depois da tenente-coronel Kelly?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É, se a Kelly estivesse aí, seria ela, porque ela era comandante. Como ele estava como comandante de exercício, e ele está todo dia na Esplanada, era a pessoa indicada, a pessoa mais capacitada. Eu acho que, como eu falei, cada um faz a sua defesa.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Claro. Coronel Casimiro, o senhor está nesse grupo de WhatsApp denominado Oficiais PMDF?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não estou.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor estava à época?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, não me lembro desse grupo.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não lembra? Porque é o grupo que... no dia 20 de dezembro, de acordo com a Polícia Federal, o major Flávio Alencar disse nesse grupo: "Na primeira manifestação, é só deixar invadir o Congresso".

O senhor chegou a ver essa mensagem?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, não estava nesse grupo e eu não admito esse tipo de postagem. Eu até trouxe aqui uma postagem do meu grupo, de

quando eu era, na época, do comando, onde tinham os comandantes de unidade, e eu sempre repreendia, eu não aceitava... Então, o pessoal já não colocava, porque eu repreendi várias vezes. Eu não aceitava postagens nesse tipo de grupo.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor tinha conhecimento dessa posição do major Flávio ou de algum indício de que ele poderia prevaricar em uma ação como essa?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não tinha, não tinha, não tinha. E eu não sei em que contexto ele fez essa postagem.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – No depoimento do senhor Flávio, ele confirmou que enviou um áudio para o senhor em que dizia que não aceitaria a convocação da Força Nacional. Por que ele não aceitaria a convocação da Força Nacional? Como era a discussão dos senhores em relação à Força Nacional?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Realmente, ele mandou esse áudio. Ele...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – É porque muita gente aqui acaba atribuindo e confundindo, às vezes, quem pode convocar, quem pode orientar a chamada da Força Nacional. Como era essa discussão?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É porque é o seguinte: a gente que é policial militar do DF quer fazer com que todas as ações de segurança pública aqui sejam feitas pela Polícia Militar. Tem – vamos dizer assim – um certo incômodo de ter outra força, outra força policial trabalhando numa função que é da Polícia Militar.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, a posição de vocês, naquele momento, era não ter...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Só que eu conversei com o major Flávio e falei: "Flávio, se for necessário, se o comando da corporação, com o Governo do Distrito Federal, assim decidir, não tem problema nenhum". Entendeu? Eu acho assim... Eu particularmente sou de polícia comunitária. Eu gosto de trabalhar integrado com os outros órgãos, com o público civil. Esse curso aqui é de polícia comunitária. É a minha especialidade. Então, já fiz curso em São Paulo e aqui. Já fiz vários cursos nessa área. Então, para mim, trabalhar integrado, desde que cada um respeite as suas competências, é ótimo.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – É possível que ele tenha passado essa informação para o DOP e dito que preferia que não houvesse a Força Nacional?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não sei. Eu sei que eu conversei com ele e eu falei: "Calma, relaxa. A gente administra isso. Se assim for decidido, a gente vai cumprir. Não tem problema nenhum. E, se não for, a gente vai fazer o nosso papel".

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – É porque o procedimento padrão é o próprio governador autorizar o emprego da Força Nacional.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso, isso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O governador Ibaneis Rocha só autorizou o emprego da Força Nacional no dia 8 de janeiro, às 17 horas, mesmo o ministro Flávio Dino tendo colocado a Força Nacional à disposição no dia anterior, na verdade, nos dias anteriores, segundo mensagens que o próprio ministro Flávio Dino disponibilizou.

Então, houve essa discussão, mas não foi definitiva a posição de vocês?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Da minha parte, se eu recebesse a ordem, a minha função era falar para o major que a ordem foi dada e que a gente ia cumprir. Vamos dizer assim, uma certa vaidade. Vamos dizer assim. Ele queria fazer.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Está certo.

Muito obrigado, coronel, pelos esclarecimentos.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Concedo a palavra, por até 25 minutos, ao deputado Pastor Daniel de Castro.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Obrigado, presidente. Boa tarde.

Boa tarde aos deputados que compõem a mesa. Boa tarde aos deputados que estão na nave aqui conosco. Boa tarde aos que assistem a nós pela TV Câmara Distrital e à imprensa que está aqui.

Vou começar pela última fala do deputado Hermeto, em que ele trouxe uma posição do governo federal sobre o Fundo Constitucional e a infeliz fala do ministro Rui Costa de que aqui é a ilha da fantasia.

Parabéns ao deputado Chico Vigilante, que já soltou um áudio no grupo, um vídeo inclusive convidando o ministro para andar com o senhor – eu gostaria que não fosse só com o senhor, mas com todos os parlamentares desta casa – no Sol Nascente, no Por do Sol, na Cidade Estrutural.

Trago uma notícia péssima para o deputado Hermeto: isso é coisa do Palácio do Planalto! Claro que quero ser justo. Até agora, não ouvimos uma fala do presidente Lula sobre isso. Mas deixem-me trazer uma fala aqui, hoje, da coluna do Igor Gadelha, no Metrôpolis: “Planalto concorda com Rui Costa, mas vê erro no *timing* de ataque a Brasília”. Ou seja, há uma concordância no Palácio do Planalto. Aqui diz: “Ministros do Palácio do Planalto dizem até concordar com a fala de Rui Costa de que Brasília é uma ‘ilha da fantasia’”. Todo esse povo devia ir embora daqui se aqui é a ilha da fantasia.

Eles vivem aqui, eles comem aqui, eles gozam da segurança daqui, mas avaliam que o titular da Casa Civil errou no *timing* da declaração. Por que errou no *timing*? Porque o governo está sofrendo no Congresso Nacional, nas votações da Câmara dos Deputados, porque ele não tem uma base consolidada e precisa da base de todos os partidos. “Em conversas reservadas, ministros palacianos afirmam que Costa ‘falou o que muitos pensam’, mas errou ao fazer a afirmação em um momento que o governo enfrenta dificuldades na articulação política. Até mesmo auxiliares do ministro da Casa Civil avaliam que ele errou no momento da declaração. ‘Ele não deveria ter falado’, disse à coluna um auxiliar de Rui Costa.”

Isso me preocupa, deputada Paula Belmonte, porque parece que essas narrativas estão sendo construídas, primeiro, para se tirar o Fundo Constitucional. Agora há uma fala do ministro dizendo que a capital podia ser São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais ou até Bahia, que é o estado dele. Então, parece que estão construindo uma narrativa no sentido de se tirar o Fundo Constitucional e arrebentar Brasília, principalmente na área de segurança, saúde, educação, e, quem sabe, no futuro, até tirar a capital federal de Brasília e levá-la para outro estado.

Precisamos ficar atentos. Esta casa precisa ficar atenta.

Eu sei – e vou falar outra vez – que justiça e juízo são bases do trono de Deus e misericórdia e verdade vão adiante do rosto dele. Falo isso porque há narrativas aqui – perdoe-me o deputado que me antecedeu –, só que nossas narrativas são verdadeiras e vão desconstruir narrativas falsas. É bom falar demais? Claro que é. Eu comecei fazendo só perguntas, perguntas, perguntas, mas depois comecei a fazer as narrativas. Não narrativas por narrativas, mas narrativas construindo fatos para mostrar as omissões, porque, se nós não nos levantamos neste contexto, hoje a penalizada nessa mesa seria só a Polícia Militar. Só ela! Se a CNN não nos faz o favor de abrir o que aconteceu dentro do GSI, aqui já haveria um relatório pronto condenando alguns oficiais da Polícia Militar e o Governo do Distrito Federal. Ainda bem que eu vou relatar. Depois faço as perguntas.

Vou resgatar apenas algumas informações que já são de domínio público e de conhecimento da CPI para depois justificar as minhas perguntas. Quero desconstruir um pouco algumas narrativas.

Às 19 horas e 58 minutos do dia 7 de janeiro, o GDF recebeu o Ofício nº 4.823 expedido pelo Ministério da Justiça. Nesse documento, o ministro registrou que pessoas inconformadas com o resultado das eleições estariam organizando caravanas de ônibus para se deslocarem para Brasília. Prestem atenção: para se deslocarem para Brasília. Não eram as pessoas do acampamento. No acampamento, era oração, era canto, era reza. Era pacífico, era ordeiro. Em 50 dias, não houve uma confusão, não houve um quebra-quebra.

Vamos analisar e estudar essas narrativas com o coração. Não façam pré-julgamento de quem é inocente. Não devemos fazê-lo, pois essa não é a função desta CPI. Esta CPI busca a verdade, e a verdade – já falei e vou falar outra vez – tem um tripé: princípio da inocência, devido processo legal e individualização da conduta. Isso basila o direito de processo penal. Fora disso, será nula. Eles estavam em deslocamento para Brasília! E que esse movimento teria a intenção de promover ações hostis contra os prédios públicos: o Congresso, o Planalto e o STF.

Diante dessa informação, o ministro da justiça sugeriu, tão somente, o bloqueio e a proibição de circulação de ônibus entre a Torre de TV e a Praça dos Três Poderes entre os dias 8 e 9 de janeiro. Ao final do seu ofício, o ministro afirmou que o Ministério da Justiça e as forças federais estavam monitorando o movimento e encontravam-se à disposição para emprego imediato, preste atenção!

Esse ofício do ministro da justiça, conforme sabemos, decorreu do recebimento do Ofício nº 5/2023, senhor presidente, expedido pela direção da Polícia Federal no final da tarde do dia 7, por meio do qual a PF alertou o ministro sobre a realidade das ameaças de invasão. Era uma realidade! Era ato notório! Estava na internet! Estavam falando: "Nós estamos indo para Brasília, vamos tomar o poder!" Mesmo sem arma, não é? Tomar o poder sem arma. Mas eles estavam dizendo.

E nesse ofício, repito, enviado ao ministro da justiça no dia 7 de janeiro, o doutor Andrei apresenta, pelo menos, 3 informações relevantes que são significativas para a busca da verdade dos fatos. Na primeira informação, olha o que ele diz: "Segundo o Ofício nº 5/2023, da Polícia Federal, do Ministério da Justiça, quem queria invadir os prédios públicos chegou..." – chegou, então vieram, não estavam aqui! – "... a Brasília entre os dias 6 e 7 de janeiro".

Portanto, não eram as pessoas que permaneceram acampadas em frente ao QG do Exército por mais de 50 dias. E essa informação está em documento oficial! Não venha chamar manifestante de terrorista, de bandido, não faça isso! Faça-me um favor: não despreze a inteligência dos deputados desta casa, não!

A segunda informação: a Polícia Federal havia constatado que o grupo chegou a Brasília no dia 7. Que o grupo que chegou a Brasília no dia 7 pretendia causar danos contra ministérios, o Congresso e o Palácio do Planalto. O que torna absurda a decisão do GSI de dispensar um batalhão inteiro! Olha aqui a omissão do governo federal! A omissão não foi só da Polícia Militar, não!

E, diga-se de passagem, não foi do governador Ibaneis! Ele fez tudo o que devia! E mesmo assim ele foi afastado! Brasília foi apenada duas vezes no mesmo dia! No primeiro momento, decretada a intervenção na segurança pública e, 6 horas depois, o afastamento do governador. E, portanto, calaram 837 mil pessoas que tinham acabado de votar nele! *Bis in idem*.

O GSI dispensou um batalhão que reforçava a segurança do Palácio do Planalto apenas algumas horas após a chegada da caravana. E a terceira informação desse ofício, do Ofício nº 5/2023, do doutor Andrei, diretor-geral da Polícia Federal, advertiu que não apenas os ônibus estavam proibidos de trafegar entre a Torre de TV e a Esplanada, mas no mesmo documento ele sugere, literalmente, que grupos de pessoas com propósito de atentar contra o patrimônio público ou privado, bem como contra a democracia brasileira, também fossem impedidos de circular nesta capital.

E, obviamente, ele se referia ao grupo que chegou com essa intenção. Essa informação está no ofício. Se a polícia desprezou essa informação – e eu entendo que foi um erro crucial, crucial –, nunca tivemos isso! Estivessem mil pessoas na Esplanada dos Ministérios não tinha acontecido! Mas, por outro lado, o GSI falhou! O ministro da justiça, o senhor Flávio Dino, falhou porque, todavia, o ofício do Ministério da Justiça para o Governo do Distrito Federal omitiu a informação de que a caravana já estava em Brasília e omitiu a orientação da Polícia Federal para que fosse impedida a circulação de pessoas na Esplanada.

Se observarmos o teor do Ofício nº 48/2023, a mensagem é de que havia pessoas organizando caravanas de ônibus para se deslocarem até Brasília. Em nenhum momento, o

ministro afirmou que elas já estavam em Brasília, e essas pessoas já estavam. Mais de 100 ônibus, mais de mil pessoas.

Sugiro a V.Exas., os deputados membros desta comissão, que observem o teor do Ofício nº 5/2023, enviado ao Ministério da Justiça pela Polícia Federal, e comparem as informações com o teor do Ofício nº 48/2023, enviado ao Governo do Distrito Federal pelo Ministério da Justiça. Senhores e senhoras deputadas, essas falhas é que suscitam esses questionamentos que nós estamos fazendo aqui. Por que o ofício expedido para o Governo do Distrito Federal omitiu que a caravana já estava em Brasília? Por que não alertou para a orientação da Polícia Federal de que aquele grupo não poderia ter descido a Esplanada? Além disso, se o ministro afirmou que as forças federais estavam monitorando o movimento e estavam à disposição para emprego imediato, por que o GSI dispensou um batalhão inteiro hora antes das invasões? Tem carão esse angu.

O art. 2 desse decreto afirma que a Força Nacional de Segurança Pública atuará para prevenção da ordem pública e da incolumidade do patrimônio público. O art. 4 do decreto estabelece que a Força Nacional de Segurança Pública poderá ser empregada em qualquer parte do território nacional, mediante solicitação expressa de alguma dessas 3 autoridades: do respectivo governador do estado, do governador do Distrito Federal ou do ministro da justiça. Está vendo, deputado Thiago Manzoni, a omissão de autoridades? A narrativa é: só a Polícia Militar. Esta é literalmente a redação do art. 4 desse decreto. O decreto autoriza que a Força Nacional de Segurança Pública seja utilizada por decisão do ministro de Estado.

Presidente, nesse ponto, nós retornamos à Portaria nº 272, da lavra do Ministério da Justiça, deputado Thiago Manzoni, a qual dispunha sobre o emprego da Força Nacional de Segurança Pública para auxiliar na proteção da ordem pública em Brasília. Embora essa portaria tenha sido, prestem atenção: a portaria do Ministério da Justiça foi confeccionada no dia 7 de janeiro, quando todas as informações já eram de domínio público e conhecidas. Ela só foi publicada no dia 10 de janeiro, terça-feira, portanto, 2 dias depois da tragédia que maculou a história política do Distrito Federal, por conta de omissões de autoridades públicas. São essas omissões que esta CPI busca. São essas pessoas que esta CPI tem que buscar. Não narrativa de que o acampamento era golpista, era terrorista.

Várias autoridades sentaram onde o senhor está. Passaram por aí e falaram que, na sexta-feira, o acampamento tinha 150 pessoas. Eram 300, com 150 que eram pessoas em estado de vulnerabilidade, que para lá se afluíam para poder comer, porque lá tinha comida. Mas digamos que houvesse 300 pessoas e que essas pessoas fossem tomar o poder, fossem dar um golpe de Estado, fossem praticar terrorismo, os 300, 100 para o Supremo, 100 para o STF, 100 para o Congresso. Deixe-me falar: os policiais que lá estavam tinham dado conta. Mas lá não tinham 300 pessoas. Segundo alguns que passaram por aí, tinha perto de 5 mil, vieram de fora. Cadê a Força Nacional? Cadê o batalhão em que o GSI tinha domínio sobre ele? Cadê a própria Polícia Militar? Então, há falhas, e essas falhas não são só de um lado.

Se as informações já eram conhecidas, se a ameaça era real, se o serviço de inteligência tinha conhecimento do plano de invasão, por que o ministro não repassou todas as informações para o GDF? Além disso, se a caravana já estava em Brasília, mas o governador não solicitou a Força Nacional, por que o ministro não o fez conforme redação do art. 4º do Decreto nº 5.289? Aliás, o §5º desse art. 4º do Decreto nº 5.289 afirma que o Ministério da Justiça deverá – deverá – assegurar contingente permanente mínimo de 500 homens para emprego imediato. Quem trabalha com segurança pública sabe que, se lá tivessem 500, 600 policiais, nada disso tinha acontecido. Facilitaram. Agora, precisamos saber se dolosamente ou se culposamente.

Se as autoridades tivessem agido adequadamente diante das informações que já circulavam desde o dia 8 de janeiro, os manifestantes não teriam descido a Esplanada, o Batalhão da Guarda Presidencial estaria reforçado e haveria 500 homens protegendo esses prédios públicos.

Vale lembrar que, se por um lado era competência da polícia garantir a segurança da Esplanada, era competência do governo federal assegurar e proteger o Palácio do Planalto, como era competência da segurança do STF proteger o STF. Isso é o que a gente aprendeu

aqui nesta CPI já pelas oitavas que foram feitas. Claro que nós não vamos exarar nenhuma decisão ainda, nós estamos no curso de uma investigação, mas já podemos vislumbrar algumas coisas importantes, falhas extremamente graves, presidente, deputado Chico Vigilante, extremamente graves! Porque são homens que militam na segurança pública 24 horas por dia e têm dever de ofício de guardar esse patrimônio que foi depredado, a não ser que tenham facilitado com o objetivo de acontecer o que aconteceu.

Vamos a algumas perguntas ao coronel, por gentileza. Ainda tenho 9 minutos, está tranquilo. Obrigado pela sua presença nesta tarde; cumprimento vosso advogado, nobre advogado, alegria tê-lo aqui conosco.

O senhor tem conhecimento do Plano de Ação Integrada nº 2, de 2023?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Sim.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Sabe o que tem nele?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Sim, eu li ele depois.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Sabe, não é?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Sei.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Existem critérios predefinidos para que o comandante de um batalhão da Polícia Militar ou mesmo de uma tropa decida se ela ficará em estado de prontidão ou de sobreaviso? Ou essa decisão é uma discricionariedade do oficial responsável?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não estou nesse nível de decisão, mas o que eu posso responder é que ele precisa de informações para tomar essa decisão. Então, se ele tomou essa decisão, naquele momento...

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Mas o senhor conhece as informações do que poderia acontecer em Brasília? Conhece? O senhor sabia das informações?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – A gente não tinha essa análise do risco que, naquele momento... Eu não tinha. Se alguém tinha, eu não sei.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Coronel, o senhor é um coronel da Polícia Militar, coronel. Por favor! O senhor e todos que sentam aí... Temos uma dificuldade, presidente! Parece que quem senta aí só olha para si. Parece que há uma blindagem de outros! Parece que não têm coragem de descortinar a verdade real! O senhor é coronel da Polícia Militar! O senhor tem quantos anos de Polícia Militar?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Vinte e nove anos!

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor veio de soldado?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Ou não? Já entrou como oficial?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Entrei na academia, oficial.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Mas o senhor tem muita experiência! Eu não sou tão leigo na segurança! Eu estava vendo todos os vídeos! Na minha pouca experiência, eu tinha a convicção de que Brasília, de que a Esplanada precisava estar cheia de policiais! Esse pessoal não podia descer para lá como desceram! Aí veio uma decisão: sobreaviso ou prontidão? Qual era a decisão exata na sua experiência? Sobreaviso ou prontidão?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Deputado, falar disso depois dos acontecimentos é complicado, porque a melhor decisão, depois que a gente viu tudo o que aconteceu, realmente não era estar de sobreaviso.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Era caso de prontidão?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É, mas isso com as informações do depois. Eu não sei...

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – A informação depois, coronel – com *data maxima venia* – só aconteceu pelo que todo mundo já sabia antes. Esse povo estava na internet gravando vídeo e dizendo: “Nós já estamos indo para Brasília tomar o poder! Nós estamos indo quebrar!” Olhem os ofícios da Polícia Federal para o Ministério da Justiça. Todos os órgãos de segurança, todo mundo sabia que iria acontecer algo diferenciado. Quem mexe com segurança sabe que aqui não era caso de sobreaviso, presidente! Aqui era caso de prontidão. Se esse povo estivesse de prontidão, se o Palácio do Planalto e o GSI tivessem feito o seu dever com 500 homens do governo federal e 500 homens da Polícia Militar, não teriam acontecido esses atos!

Falo isso, presidente, porque é importante, porque, no final, vamos ter que saber quem se omitiu. Nós vamos encaixar a conduta em pessoas para poder individualizar e mandarmos para o Ministério Público, para o Ministério Público pegar e mandar para a justiça, enquadrado na pena de cada um, na individualização da conduta.

Então, o que precisamos saber? Se essas omissões foram culposas ou dolosas. O senhor pode nos dizer o nome do oficial que decidiu colocar a tropa de sobreaviso e não de prontidão, naquela ocasião? O senhor tem conhecimento?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Sim.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Quem foi?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Quem mandou foi o subcomandante-geral, coronel Klepter, e foi repassada essa ordem pelo coronel Paulo José a todos os comandos regionais.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – A ordem era sobreaviso ou prontidão?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Sobreaviso. Eu tenho a mensagem de WhatsApp.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Nós sabemos que o coronel Naime era o comandante do Departamento Operacional. Entretanto, esse batalhão também deve ser subordinado a outra autoridade estatutariamente falando. Quem era o chefe do coronel Naime em janeiro de 2023?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O chefe do coronel Naime?

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Era.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Era o coronel Klepter.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Segundo o PAI 2/2023, a PMDF era responsável por planejar o efetivo que seria utilizado naquele final de semana. Estamos nos referindo aos dias 7 e 8 de janeiro. Na sua experiência de segurança, o senhor considera que o fato de a tropa ter ficado de sobreaviso e não de prontidão facilitou as invasões?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Repito: vendo depois tudo o que aconteceu... Porque, foi uma sucessão de fatos. Você vai vendo ônibus chegando... Então, por exemplo, só para ter uma ideia, no domingo chegaram 32 ônibus. Na noite do sábado, tinham 83. Aí, na manhã de domingo, 101. As coisas foram evoluindo. Então, você tomar uma decisão de sobreaviso no final da tarde do sábado, você tinha uma realidade. No domingo, era outra realidade. Agora, quem estava no terreno ou quem tinha maiores informações, porque eu, como comandante regional, tenho um nível de informação. O comando da corporação, o DOP, tem outro nível de informação. Então, aí, eu não posso falar por eles.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – A PM era responsável pela segurança da área externa da Esplanada. Mas quem era o responsável pela segurança do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e do STF?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Primeiramente, a Polícia Militar. E aí tinham os órgãos lá, o GSI no Palácio do Planalto.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor sabe quem era responsável

pelo Congresso Nacional?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Tem a Câmara, mas é basicamente a Polícia Militar.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Externa. Internamente, não, não é?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Internamente, não. A polícia só entra se for convocada.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso. Isso.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – A informação que nós temos é de que o senhor alterou o horário da concentração e saída dos policiais da noite do dia 7, o que causou estranheza na tropa e atrapalhou a concentração. Por que o senhor fez essa alteração? Por que a fez de última hora?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu já até respondi. Na verdade, eu alterei não foi da tropa. Eu alterei de 16 policiais. Ou seja, não ia fazer nenhuma falta, vamos dizer assim, 16 policiais. Não ia acrescentar muito. Ajuda e tudo, mas não ia impedir as pessoas que entrassem nos prédios públicos. Eu só fiz isso porque esses policiais são do Grupo de Pronto Emprego e eles trabalharam o dia todo no sábado. Então, para que eles pudessem ter um descanso maior, e também eu teria necessidade no final do dia, caso a manifestação fosse de manhã, eu teria esses policiais no final do dia para o rescaldo da manifestação. E ainda vou mais. Esses policiais, eu falei para o major Flávio porque ele tem dois pelotões de Pronto Emprego, eu falei: "Olha, se eu fosse você, eu escalaria os dois". Na verdade, a ordem que eu tinha dado e tem aqui o documento, foi só um. Mas ele teria o outro que a gente já estava preparado com esses outros 14, 15 policiais para segunda-feira, porque a gente também estava esperando que segunda-feira tivesse manifestação.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – *Ok*, coronel. A minha última pergunta já foi feita, mas eu gostaria de fazê-la novamente para o senhor ter o direito de defesa. Em depoimento, o major Flávio Alencar afirmou que a patente dele de major não era condizente para comandar a tropa no dia 8 – ele afirmou isso em depoimento – e que jamais havia feito algo parecido.

Além disso, ele também afirmou que o senhor o convocou apenas verbalmente. Portanto, não havia um planejamento operacional, o que o deixou, segundo ele – entre aspas – às cegas. Por que o senhor escolheu um oficial inexperiente para comandar a tropa, mesmo tendo conhecimento das ameaças reais da invasão? Por que a convocação do major foi apenas verbal e não lhe foi entregue um planejamento operacional?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu já respondi aqui, mas o senhor quer que eu responda de novo?

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Gostaria, por favor. Para ficar registrado.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Está bem. Eu recebi as determinações do DOP e recebi a determinação de escalar um comandante. O major Flávio é uma pessoa para mim altamente capacitada. Se não fosse, ele não estaria como comandante em exercício do 6º Batalhão. O que o 6º Batalhão basicamente faz? Manifestações. Ele faz isso todo dia. Umas menores, outras maiores, mas o 6º Batalhão... Quando eu vim trabalhar aqui no 1º CPR, isso até me assustou porque eu sabia que tinha manifestação, mas é praticamente todo dia, tem 30, 40, 50, 200. Isso está no nível do batalhão. Quando sai do nível do batalhão, ele me pede apoio. Aí eu escalo dos outros batalhões para apoiar o 6º Batalhão. Quando sai do meu nível, aí é o DOP. Ele escala dos outros comandos.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Obrigado, coronel.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está com a palavra, por até 25 minutos, o deputado Thiago Mazzoni.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Obrigado, presidente. Boa tarde, coronel Casimiro.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Boa tarde.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Boa tarde, doutor Mário.

Eu não posso começar a tratar do assunto CPI, fazer as perguntas que tenho, sem antes me unir ao deputado Hermeto e ao deputado Pastor Daniel de Castro e defender Brasília e dizer que nós não somos uma ilha da fantasia, isso é mentira. O que o ministro da Casa Civil falou é desleal com Brasília. A atitude, aliás, as atitudes que têm sido tomadas em relação a Brasília, reiteradas não só no discurso, mas na prática, como no caso do Fundo Constitucional, são nocivas ao Brasil, são nocivas à nossa República e não só a Brasília.

Brasília é a capital de todos os brasileiros e não só de quem vive aqui.

Foi nascida, foi gestada com esta vocação, a vocação de ser a capital da República Federativa do Brasil, e o ministro da Casa Civil deve, no mínimo, respeito à capital da República e aos quase 3 milhões e meio de habitantes que moram aqui.

Além de mostrar desconhecimento quanto à nossa realidade, demonstra um desconhecimento enorme da história do Brasil e da razão pela qual Brasília foi sonhada e construída.

Eu até ia gastar mais tempo aqui falando de respiradores que foram adquiridos pelo Consórcio Nordeste e não foram entregues. Escândalo pelo qual ele é investigado, porque ele era presidente do Consórcio Nordeste, mas não vou, não. Vou deixar para amanhã. Ia gastar tempo, também, mostrando o mal que ele fez à Bahia, porque ele falou que Brasília é um mal para o Brasil. Amanhã eu vou mostrar o mal que ele fez à Bahia como governador daquele estado, à Bahia e aos baianos.

Voltando para o assunto CPI. Voltando para as perguntas que temos aqui. Coronel, no dia 12 de dezembro, houve uma série de atos de vandalismo na região central de Brasília e nós temos informação – dada aqui por integrantes da Polícia Militar – de que muitos vândalos estavam hospedados na rede hoteleira de Brasília e por isso conseguiram fugir e não foram presos.

O senhor tem conhecimento dessa informação?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Chegou essa informação para mim que teria pessoas lá, mas eu não tenho certeza disso.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – O senhor esteve no dia, atuando contra os vândalos que praticavam aqueles atos no dia 12?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Estive sim. O meu papel foi ir para o Setor Hoteleiro Sul. Eu dei uma atenção especial onde estava o presidente Lula, porque era uma preocupação muito grande do meu comando, pela responsabilidade. E eu vi que o coronel Naime, que era o meu superior, meu chefe, já estava do lado da Polícia Federal. Então, eu achei melhor usar dessa estratégia.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Houve confronto com os vândalos? Algum tipo de confronto?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Houve confronto. Vários confrontos ali na Torre. Eles... A tropa do Choque atuou. Isso perto ali, atrás da Torre. Isso me preocupou um pouco e eu até reforcei mais o Hotel Meliá. A gente debelou eles. Eles vieram rumo do Palácio do Buriti. A gente teve que tomar um cuidado, também, aqui com o Palácio do Buriti.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – O Hotel Meliá era onde estava hospedado...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O presidente Lula e a comitiva. Várias pessoas ali.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Está bem.

Que tipo de armas esses manifestantes carregavam consigo?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Tinha estilingue. Eles botaram fogo, não é? E...

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Como que eles botaram fogo, coronel?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu vi pelas imagens, porque eu fiquei muito ali, mas eu vi que botaram com gasolina... Me parece, não é? Eu não sei. Tem que ver. Aí só a perícia...

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Tá bom. Gasolina, estilingues...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu vi pelas imagens, eu não cheguei... Só depois, só no final que a gente conseguiu cessar todas as ações, e aí eu fui para o lado norte, aí eu andei, dei uma andada, vi vários ônibus queimados e tudo, mas eu não estive perto de... A não ser um confronto que teve aqui... A gente desviou o trânsito também, eu pedi para desviar o trânsito nessa área aqui dos hotéis, e a gente desviou, porque era um perigo muito grande, estavam descendo muitos ônibus aqui. A gente teve que desviar esses ônibus. Eram mais de 10. Eu, pessoalmente, mandei os ônibus saírem, porque eu me preocupei com aquelas pessoas que estava ali. E, graças a Deus, a gente conseguiu desviar e esse pessoal não desceu, porque poderiam ser atingidas aquelas pessoas que estavam dentro dos ônibus.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – O grupo que foi preso no dia 25 de dezembro com rádios transmissores se assemelhava a esse grupo que fez esses ataques no dia 12 de dezembro? O material encontrado era semelhante?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Creio que sim, porque, no dia 12, a gente acabou não conseguindo prender ninguém. A gente não teve condição de prender, foi uma pena. A gente deveria ter conseguido fazer isso, mas infelizmente a gente não conseguiu. E a gente não fez isso não porque a gente não queria prender... A gente queria prender, só que não foi possível. Então, não é fácil agir em uma situação de crise, de grau de perturbação da ordem, e sabendo que aquilo poderia – a gente não sabia o que estava acontecendo direito –, aquilo poderia evoluir muito, então, tinha que cessar aquela ação.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Então, esses 2 grupos eram semelhantes?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Sim.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Tá. É comum que vândalos dessa natureza se hospedem em hotéis para cometer esses atos de vandalismo?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Olha, eu não tenho essa informação, se eles estavam lá realmente, mas aí tem que investigar. Foi falado aqui nessa CPI que eles foram presos...

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Mas já aconteceu outras vezes?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Várias pessoas já foram presas.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Nós estamos tentando cruzar essas informações para achar quais deles...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Aí tem que ver essas investigações, para ver... Eu não tenho essas informações.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Mas, em ocasiões anteriores, já havia acontecido de pessoas que praticaram atos de vandalismo se evadirem para a rede hoteleira porque lá estavam hospedados ou não? Foi a primeira vez?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Olha, eu não me lembro assim de ir para a rede hoteleira. Eu não estou lembrado.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – *Ok.* Na estrutura que o senhor apresentou, coronel, para nós, está o comandante da Polícia Militar; logo abaixo dele, o subcomandante; e é o subcomandante que se reporta – pelo que eu entendi – aos batalhões, aos comandos e aos batalhões. Eu estou correto?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O subcomandante-geral reporta aos chefes de departamento, o Departamento de Operações é um deles.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Tá. Então, o subcomandante-geral é quem se reporta ao DOP, e o DOP...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Aos comandos regionais que... no caso, o meu era o primeiro comando regional, e tem os outros.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Tá. A organização – já entendemos que não havia planejamento, isso para nós está muito claro... O DOP entregou para o senhor algum documento relacionado à estrutura da operação do dia 7 e do dia 8?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não entregou.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Nenhum documento?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Nenhum documento.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Todas as ordens que o senhor recebeu foram verbais?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Verbais.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Está bom. Na hierarquia policial e na organização da estrutura da polícia, qual seria a função do subcomando e do comando neste tipo de caso? Olha, nós temos essas informações que o deputado Pastor Daniel de Castro nos trouxe. Não chegou nada para mim. O DOP não me trouxe nada.

Qual a função do subcomandante e do comandante nesse caso?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É, ele tem que cobrar do departamento. Ele tem que fazer as devidas cobranças.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Mas quem é que se reporta a ele, porque estamos diante de uma situação que é urgente?

Há documentos dizendo: "Esse pessoal está vindo aqui para quebrar tudo". A Polícia Militar é responsável por fazer a segurança da Esplanada dos Ministérios e da Praça dos Três Poderes. Se o DOP não entregou o documento, de quem é a responsabilidade?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O chefe dele é o subcomandante-geral com o comandante-geral.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Então, o subcomando da Polícia Militar deveria ter agido, é isso? Posso chegar a essa conclusão ou ela é falsa?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Funcionalmente, sim. Ele tem o dever de cobrar do chefe do departamento. Não só do DOP como de todo chefe do departamento.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Então, o coronel Paulo José não entregou o documento. Aí o coronel Klepter... Como é essa relação? Como vocês se falam? Porque no depoimento do coronel Flávio... É Flávio o nome do major Flávio?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Flávio Alencar.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Ele faz uns apontamentos. No seu depoimento há outros apontamentos. Como é essa relação? Quem fala com quem? Porque dizem "Ah, não tinha nada, não sei", mas há um monte de grupos de WhatsApp. Não pode pegar o telefone e alegar: "Eu não recebi nada", "Os caras estão chegando aí". Como é isso?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – A Polícia Militar é baseada na hierarquia e disciplina. Eu não participo do alto comando. O que é o alto comando? Os chefes de departamento, o comandante-geral, o subcomandante-geral, o chefe do Estado Maior; eles se reúnem para tratar de diversos assuntos. Eu não participo dessas reuniões. Eu sei que teve reunião para tratar desse assunto. Eu não sei a que nível foi. O próprio comandante-geral falou que o coronel Paulo José se reportou a ele. Eu me reporto ao DOP. O DOP vem...

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Ao DOP, Paulo José.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Paulo José. Ele vai lá, trata esse

assunto com o comando da PM. Eles têm algumas informações, porque o secretário fala com ele, fala com a secretaria, com outros órgãos e tal. E o departamento condensa isso e conversa comigo ou com outros comandos.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – O senhor falou com o Paulo José e determinou que o major Flávio seria o responsável pela operação. Confere?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É, porque quando o Paulo José discriminou os efetivos que seriam empregados, ele falou os efetivos...

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Houve a determinação do efetivo.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O Paulo José falou: “Vão os alunos, vai a companhia de pronto emprego”.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Ele falou o número do efetivo também.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Ele falou sobre as companhias de pronto emprego. Ele falou para mim: “Casimiro, vão os alunos, os especializados. Você coloca a sua companhia de pronto emprego, a companhia do CP Esp”. E ele falou: “Você escale um comandante da operação”.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Tá.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso é comum. Isso é sempre feito assim.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Mas esse efetivo é um número x de policiais?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Esse número foi falado para o major Flávio.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Foi.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Então, ele sabia qual era o efetivo dele.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Sabia. A obrigação que ele tinha... Todo o comandante no terreno tem a obrigação de, aquilo que foi falado ou aquilo que está escrito no planejamento, conferir se chegou. Se não chegou, você cobra das pessoas. Por exemplo, eu vou dar um exemplo...

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Em algum lugar está escrito esse número para ele?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, porque não teve o planejamento escrito.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Não teve uma mensagem de WhatsApp, não tem um *e-mail*, não há nada?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Tem do meu efetivo, que eu mandei escalar.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – O seu. Mas o que veio do DOP... Porque não era só o seu.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Do DOP não, porque ele me ligou; ele não me mandou WhatsApp.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – É porque, no depoimento dele, ele diz que não sabia quantos policiais ele teria para comandar no dia 8.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – O major Flávio?

DEPUTADO THIAGO MANZONI – O major Flávio.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Ele sabia. Eu conversei com ele várias vezes, ele sabia.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Eu não vou encontrar aqui agora, porque o depoimento dele é um pouco extenso. Ele fala que não tinha nada no processo SEI que expedisse ordem de serviço especificamente. Enfim...

Então, a polícia chegou lá de manhã e não havia nada acontecendo, absolutamente. De tarde, as pessoas desceram. Chegando ao local da operação, se houver um oficial de patente maior, é esse oficial que assume a operação?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Ele assume a responsabilidade. Por isso que eu falei aqui no início: “quando eu escalo um comandante da operação, eu, até para não atrapalhar as ordens, quando eu vir que tem a necessidade de eu estar, eu vou lá e assumo”. Quando eu piso lá, como coronel – ou qualquer outro coronel –, assumo a responsabilidade.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Então, no momento em que o comandante Fábio Augusto chegou ao local, ele comanda a operação?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu entendo... Eu tenho o maior respeito pelo coronel Fábio, é uma pessoa a quem eu sempre fui muito fiel, mas eu entendo que sim.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – O coronel Fábio chegou lá e não havia, pelo que eu estou entendendo, planejamento estratégico. O major que estava lá disse que não sabia o número do efetivo, não sabia nada. E o coronel Fábio assume a operação. É assim que funciona mesmo? Essa é a praxe?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É, o major fica como comandante. O comandante-geral realmente tem muitas atribuições, muitas ligações e reuniões. Ele pode sair dali a qualquer momento. Só que ele... Quando um coronel, seja o comandante-geral... Poderia ser eu... Por exemplo, se eu fosse para o terreno, não tivesse comandante-geral e eu chego, eu limito as ações do major, porque vai ficar se reportando para mim. Ou ele vai ficar na cabeça e falar assim: “Poxa, mas o coronel está lá e não falou nada”.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – É porque ele está hierarquicamente subordinado, não é?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso, a gente é baseado na hierarquia.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Quem designou para comandar a operação já está dito, foi o coronel Paulo José. O major Flávio, então, pelo que eu estou entendendo, quando as pessoas desceram, já não comandava mais nada.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É. E aí o que aconteceu? Quando aconteceram os fatos e eu cheguei no terreno... E, realmente, depois das invasões...

DEPUTADO THIAGO MANZONI – A que horas o senhor chegou, coronel?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Mesmo assim, quem está no terreno é o comandante-geral, o DOP e eu. Então, eu seria o terceiro lá no terreno, eu não seria o comandante. Mas acabo comandando por ser coronel, ter facilidade de conversar com eles, com os outros coronéis.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – O então subcomandante Klepter, hoje comandante da polícia, foi também até o terreno?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Ele foi, depois, no final.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Ele chegou antes ou depois do senhor?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Muito depois. Ele chegou lá com o interventor, já depois de 18 horas. Pelo menos, que eu tenha conhecimento, que eu encontrei com ele.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – O senhor chegou lá a que horas?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Cheguei lá no meio da tarde, eu não lembro ao certo.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Quando o senhor chegou, já estavam acontecendo

os ataques aos prédios públicos?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não entendi.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Quando o senhor chegou, os ataques aos prédios já estavam acontecendo?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso. A minha ação foi durante os prédios públicos.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Coronel Casimiro, o coronel Naime, quando esteve aqui, usou uma expressão. Ele falou assim: “A entrada foi facilitada”, o que a nós todos causou espanto.

Nós fazemos indagações aqui... O deputado Pastor Daniel de Castro expressou uma preocupação que é de todos nós. Primeiro, o presidente Chico Vigilante falou que vai convocar extraterrestres para responder às perguntas. O deputado Pastor Daniel de Castro se diz preocupado porque, realmente, nós perguntamos, perguntamos, perguntamos e não saímos muito do lugar. Mas ficam algumas coisas nas entrelinhas.

Eu vou dar um exemplo: o coronel Naime falou que a entrada foi facilitada. Ele não falou como, nem porque, nem por quem foi facilitada. O senhor hoje, aqui, indagado – não sei se pelo deputado Hermeto ou pelo deputado Chico Vigilante –, falou que pode ser que tenha havido algum problema por causa de ciúme de posição dentro da hierarquia da Polícia Militar.

O deputado Hermeto, em outras ocasiões, fez perguntas abertas: “Pode falar sobre a influência política na Polícia Militar do Distrito Federal?” Ninguém fala. Indagados abertamente sobre os assuntos, ninguém fala.

Preocupa-nos, porque a instituição Polícia Militar do Distrito Federal é uma instituição honrada, honrosa e que a todos nós interessa defender. Mas, quando não conseguimos saber, quando ninguém fala o que de fato aconteceu, fica um negócio assim... Não temos documentos sobre o que aconteceu nesse período. Então, fica tudo muito subliminar. E essas questões, quando ficam muito subjetivas, eu entendo que são muito perigosas, porque vai haver um relatório.

O deputado Hermeto vai escrever um relatório, e esse relatório vai ser votado aqui. Pode haver um outro relatório, feito por outro membro da CPI, ou não. Mas nós gostaríamos que as questões fossem tratadas de maneira mais direta. Eu, pelo menos, gostaria que as questões fossem tratadas de maneira mais direta.

Existe alguma possibilidade de que alguém tenha facilitado o que aconteceu, por questões políticas?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Deputado, eu estou aqui na condição de testemunha. Eu queria me ater à minha defesa. Eu tenho conhecimento das minhas ações; e, até onde eu tenho conhecimento, não houve omissão. Podem ter tido más decisões. As decisões não tinham informação, não tinham risco. Eu tenho que me ater à minha defesa.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Alguém queria prejudicar o coronel Fábio?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não queria, porque o coronel Fábio é uma pessoa que, para mim, é um exemplo de policial militar, exemplo de comandante, exemplo de pessoa. Eu era muito – e sempre fui muito – fiel ao coronel Fábio. Se tinha alguma coisa nos bastidores, eu não entrava nessas questões.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Quando ele esteve aqui, coronel, eu falei para ele, ao final das perguntas que nós fizemos: “A tropa o ama”. E, de fato, o ama.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Ele é exemplo.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Ele é uma espécie de unanimidade, não é? (Pausa.)

O senhor não queria. O senhor sabe de alguém que queria que o coronel Fábio deixasse de ser comandante-geral da Polícia Militar?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Deputado, essas questões políticas... eu não entrava nelas. Então, eu preferia não falar sobre esse assunto aqui. Eu me atinha às questões técnicas. Eu sempre fui muito técnico. Só para o senhor ter uma ideia, quem me colocou no 1º CPR foi o comandante-geral, o coronel Fábio. Então, eu sou uma pessoa que tem consideração e respeito pelas pessoas.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Dos coronéis... Só repete a hierarquia: comando-geral, subcomando...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Comando-geral, subcomandante, o chefe do departamento do DOP e, depois, os comandantes regionais.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Dos chefes de departamento, todos os coronéis estavam lá no terreno, combatendo?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, não. Depois, alguns comandos regionais, mais já no final, apareceram no terreno. Fazem parte do DOP. O DOP é composto pela sua estrutura de planejamento e mais os comandos regionais. Eu costumo falar que a gente é o braço do Departamento Operacional, os comandos regionais.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Está certo.

Quem eram os integrantes? Esses chefes de comando são quantos?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – São 6 comandos regionais. São comandos de áreas e mais 3 de especializados. Tem o Comando de Policiamento Especializado, o Comando de Missões Especiais e o Comando de Policiamento de Trânsito. Todos esses são coronéis na mesma linha.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Eu sei que o senhor não vai querer citar nomes.

Quantos desses estavam no terreno? Só o número.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Alguns chegaram depois, mas bem depois. Eu lembro que o coronel Alcenor estava no terreno, que o coronel Escobar estava no terreno. Deram um apoio muito grande. Agradeço a eles, porque a gente esteve junto ali. Eles chegaram basicamente quando... Eu lembro que eu encontrei com eles da rodoviária para cá. Então, já estava... já tinha desocupado a Esplanada, praticamente.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Coronel Fábio, coronel Naime – o coronel Klepter chegou depois –, vossa senhoria, coronel Escobar...

Qual foi o outro que o senhor mencionou?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Coronel Alcenor.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Alcenor. Está certo. Está bom.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Tinha o coronel Paulo André também.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – E o coronel Paulo José?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Ah, desculpa. Eu esqueci. Ele estava.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – O coronel Paulo José estava também?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Estava. Ele chegou lá antes de mim.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Então, o planejamento foi ruim, mas, no final das contas, a maioria dos coronéis estava lá, levando rojão...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É... Eu acho que, quando a gente viu o problema, a gente se uniu para resolver. Uma coisa que eu falo, deputado: se houve uma tentativa de golpe, se houve uma tomada do poder, quem não deixou aquilo concretizar foi a Polícia Militar. A gente é que não deixou. Então, que omissão é essa, da parte da Polícia Militar, que a gente não deixou concretizar o planejamento deles? Eu não entendo

isso, entendeu? A gente que não deixou. A gente prendeu pessoas. Naquele dia, a gente prendeu em torno de 400 pessoas. Só dentro do Palácio do Planalto, foram 182. Eu vou dar um relato meu: teve pessoas que chegou a mim e falou: "Não, me solta". Eu falei: "Você..."

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Eu preciso fazer uma última pergunta relacionada a isso.

Existiam manifestantes segurando manifestantes lá dentro, para que a Polícia Militar efetuasse prisões?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Como eu estava na parte do confronto, aqueles que estavam na linha de frente, combatendo com a polícia... Eu não vi isso. Aquilo... para mim, só tinha criminosos naquela parte. Mas, depois, quando a gente foi empurrando aquele número de pessoas para lá, a gente percebia que tinha pessoas, manifestantes, crianças, idosos; tinha pessoas que eram de família. Então, dava para perceber, depois, que realmente tinha dois grupos: um grupo de uma turba agressiva, que foi para cima da Polícia Militar, muito bem organizada; e outro grupo, que eram os manifestantes. Isso, dava para perceber.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Então, existia um grupo arruaceiro e outro de manifestantes pacíficos.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Mesmo no dia 8?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso.

DEPUTADO THIAGO MANZONI – Obrigado, coronel, pelas suas respostas.

Obrigado, presidente. Não tenho mais perguntas.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está com a palavra, por até 15 minutos, o deputado Gabriel Magno.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Obrigado, senhor presidente. Boa tarde, coronel Marcelo Casimiro.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Boa tarde.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Quero dizer, coronel, que o seu depoimento é muito importante e elucidativo. Muitas questões que o senhor responde aqui abrem caminhos importantes para investigação e algumas contradições.

Eu quero começar dizendo, coronel, que o senhor está aqui, hoje, na condição de testemunha e, por diversas vezes, recusou-se a responder algumas questões. Eu quero lembrá-lo – o seu advogado está aí do seu lado – que, na condição de testemunha, é importante que o senhor responda tudo, a não ser que a resposta possa incriminá-lo. E, aí, o senhor não está aqui, pelo menos por enquanto, na condição de investigado, o que lhe dá o direito de permanecer em silêncio.

Então, eu vou retomar algumas dessas questões também. Eu acho que elas são muito importantes para tentarmos entender o que aconteceu.

O senhor terminou dizendo, e eu vou reafirmar aqui: houve uma tentativa de golpe de Estado. As mensagens disseram. O senhor disse várias vezes aqui, inclusive no seu depoimento. Estava orquestrado por alguém. As pessoas vieram a Brasília para isso.

E, aí, algumas questões me chamam atenção. Primeiro, o senhor iniciou este depoimento com o PowerPoint, com algumas ausências. O senhor coloca que os dias 10 e 11 de dezembro foram tranquilos. Não me parece tranquila, coronel, uma manifestação contra o resultado das eleições que pedia uma intervenção militar e um golpe de Estado. Esse é o principal erro das forças de segurança. Pergunto se ninguém se atentou para que o que estava acontecendo pós-eleição era um crime. Há previsão no Código Penal: "Atentar contra o Estado Democrático de Direito". Como duas manifestações... O senhor colocou aqui no seu PowerPoint. Nos dias 10 e 11 de dezembro, estava tudo tranquilo. Era uma manifestação que pedia um golpe de Estado. Como a Polícia Militar encarou isso como tudo tranquilo?

Depois você omitiu, no seu PowerPoint, o dia 12, que é objeto desta CPI. No dia 12, foi uma tentativa de terrorismo neste país. O senhor disse: "Fomos pegos de surpresa". Como assim pegos de surpresa? Estava convocado nacionalmente, em vários lugares. O dia 12 tinha uma especificidade que era pública e notória: era a diplomação do presidente eleito nas urnas, Luiz Inácio Lula da Silva. Como a Polícia Militar foi pega de surpresa no dia 12 de dezembro?

Eu gostaria que passassem o vídeo 1 da minha pasta, que eu pedi, por favor, porque, coronel, esse vídeo é de 2015. É o Choque prendendo professores no Eixão. Por que eu estou mostrando esse vídeo? Porque o senhor disse que, no dia 12, não houve prisões. O senhor disse e está registrado aqui. Abre aspas: "Não houve prisões porque não é fácil fazer prisão com equipamento de choque". Parece-me que não é verdade essa sua afirmação. É o Choque fazendo a prisão de várias pessoas sem nenhuma resistência. Inclusive, um policial atira em um professor que já estava rendido.

O senhor também disse aqui que não houve prisões no dia 12 porque não é uma prática da Polícia Militar o abuso de autoridade. Não me parece condizente com o histórico. Esse vídeo representa isso. É só uma ilustração.

Não houve prisões no dia 12, coronel, por outra razão. Por outra razão. Nós precisamos investigar por quê. Por que a Polícia Militar, por que as forças de segurança desta cidade não trataram os acampamentos e o acampamento em frente ao Quartel-General como deveriam ser, como criminosos?

Coronel, um colega seu esteve nessa cadeira e disse para esta CPI: "O acampamento em frente ao Quartel-General era uma incubadora de terroristas".

Não é possível que, depois do dia 10, do dia 11, do dia 12, não tenha sido feito nada. Foi permitido o dia 8 porque o dia 8 é fruto de um processo, coronel. É fruto de um processo que começou no dia 1º de novembro; na verdade, no dia 30 de outubro, com o resultado já divulgado das eleições.

E me parece que a Polícia Militar... Não só a Polícia Militar, porque eu não quero aqui fazer essa injustiça de atacar uma corporação. Não é o objetivo desta CPI. Mas me parece que as forças de segurança menosprezaram, no mínimo, muito o que aconteceu neste país no ano passado e que resultou no dia 8. O dia 8 é fruto de uma articulação pós-resultado eleitoral.

Quero entrar agora na segunda parte, que é a questão do dia 8. Quero, se for possível, voltar à imagem 1 da pasta do deputado Fábio Félix, a reportagem do *Metrópoles*, por favor.

O senhor disse, coronel, que essas mensagens... o tal do informante era um porteiro.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Quem disse foi o Paulo José, né? Eu copieei dele essa fala.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Parece-me que é preciso rever a inteligência da Polícia Militar e das forças de segurança, porque um porteiro entende mais de inteligência que a inteligência das forças de segurança, coronel! Porque o que o porteiro disse foi o que aconteceu! Era o que era óbvio: havia em curso um planejamento de tentativa de golpe, e ninguém, nas forças de segurança, levou a sério! O senhor disse: "Não tinha análise de risco do dia 8".

O senhor disse aqui, coronel, que o Paulo José mandou abrir a Esplanada. O senhor confirma essa informação novamente?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É. Alguém passou essa ordem para ele, né? Aí, ele tratou desse assunto. Normalmente, esse assunto é tratado com o comando da corporação e Secretaria de Segurança.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – O *Metrópoles* do dia 7 de janeiro, às 10 horas e 40 minutos, em uma reportagem de Isadora Teixeira e Matheus Garzon, diz o seguinte: "Ibaneis diz que manifestação na Esplanada está liberada desde que seja 'pacífica'".

O senhor tem alguma informação de alguma conversa com o governador para poder abrir a Esplanada no dia 8?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não. Eu só li essa reportagem, também como o senhor leu na reportagem. E recebi as ordens que foram me passadas.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – De abrir a Esplanada.

Uma pergunta, coronel: o senhor, como comandante experiente na Polícia Militar, acredita que, se a Esplanada estivesse fechada, teria acontecido o que aconteceu no dia 8 de janeiro?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Era bem difícil acontecer, porque eles não iam entrar.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Ou seja, a decisão de abrir a Esplanada foi um equívoco. Grande.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É, creio que sim.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Parece que a ordem do Paulo José, mas também do próprio governador, foi um erro. Resta saber, de novo: havia elementos suficientes para não o fazer? O porteiro da Polícia Federal avisava e alertava os perigos dessa decisão.

Coronel, o que me impressiona, na sua fala e nos relatos de vários coronéis que já passaram por aqui, é que parece que no dia 8 de janeiro todo mundo tirou o dia de folga. O secretário de segurança viajou, foi para fora do país. O comandante também saiu. O comandante do DOP também não estava. O senhor, que era responsável pelo local em perigo, também estava de folga. Qual...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Na verdade, tinha um comandante escalado, e eu não estava... Como eu comentei aqui anteriormente, eu ia viajar, e eu não viajei. Eu troquei minha viagem. Eu perdi minhas diárias. Então, na verdade...

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Mas o senhor não era o responsável. O senhor indicou...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Sim. Mas eu acabei me prejudicando na minha folga, no meu lazer com a minha família, em prol do Distrito Federal. E sempre fiz isso.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Mas o senhor indicou o major Flávio Alencar para comandar a operação nesse dia.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Sim, porque eu recebi essa ordem para ter um comandante. Se eu tivesse sido escalado, eu ia para lá. Ou, se eu tivesse noção da magnitude do risco, eu mesmo tinha pedido para ser o comandante, como eu fiz várias vezes. Várias vezes eu fui comandante na Esplanada. Diversas vezes.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – O senhor, coronel Casimiro, acredita que a decisão do coronel Klepter de deixar todo o efetivo de sobreaviso também foi acertada? Não era um risco, sabendo que haveria manifestação no dia 8? Porque essa informação era notória. A inteligência falou que já sabia que havia informações circulando nas redes sociais, inclusive, desde o dia 3 de janeiro, as manifestações estavam convocadas para os dias 8, 9 e 10. O senhor achou prudente, por parte do coronel Klepter, colocar toda a tropa de sobreaviso? E foi dito aqui também, por outro coronel colega seu, que essa decisão atrasou muito a chegada da Polícia Militar, que só chegou depois que os criminosos tinham invadido os prédios da República.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Deputado, eu falei sobre isso aqui. É muito difícil você estar na condição do coronel Klepter e com as informações que você tinha naquele momento, porque você falar do hoje é outra visão, outro mundo. Para você tomar essa decisão, não é nada fácil, entendeu? Então, assim, é muito difícil eu falar de uma decisão que não é minha, que é do coronel Klepter. Não cabe a mim criticar o coronel Klepter.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Coronel, nós pesquisamos aqui várias manifestações convocadas ao longo dos últimos anos e nós não encontramos nada parecido, em manifestações com alto risco – essas, inclusive, criminosas, com tentativa de golpe –, em que as tropas foram colocadas de sobreaviso. Pelo contrário, essa é uma informação que já

trouxemos várias vezes na CPI. As manifestações democráticas, essas sim, convocadas pelos movimentos sociais, tiveram, todas elas, uma presença muito forte das forças de segurança convocadas para atuar e não permitir nenhum acontecimento desse. Você se recorda de outra grande manifestação em Brasília em que as tropas estavam de sobreaviso?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Teve algumas situações que já colocaram de sobreaviso, mas eu não recorro especificamente quais, de cabeça, agora.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Nós temos que, talvez, ir muito atrás no tempo. E eu quero concluir com mais duas questões, coronel. O senhor disse que houve um debate entre os coronéis, entre a Polícia Militar, sobre a convocação ou não da Força Nacional e – palavras suas – de uma certa vaidade em se aceitar que outras forças de segurança atuem.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – No caso foi do major, só para deixar claro. Eu achei isso. Eu achei uma certa vaidade. Não é da Polícia Militar. Isso não é uma vaidade da Polícia Militar. A Polícia Militar atua com qualquer força de segurança, como já fez com Goiás, faz com a Força Nacional.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Então, a vaidade era do senhor.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, não era minha. Não era minha. O major ficou incomodado de não ter só a presença da Polícia Militar, que tivesse outra força lá no terreno que não fosse a Polícia Militar. E eu falei para ele que não precisava disso, que, se fosse determinado, a gente ia agir junto, não tinha problema.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Digo isso, porque essa vaidade custou muito caro para o Brasil – essa tomada de decisão.

Eu queria trazer, coronel, duas questões e queria transmitir um vídeo: o vídeo 2 da pasta do deputado Fábio Félix. Nesse momento, eu creio que o senhor já estava na Esplanada. Esse vídeo mostra as forças de segurança se abrindo para a entrada dos criminosos, que, depois, vandalizaram o Supremo Tribunal Federal. Vou deixar o vídeo ser transmitido.

(Apresentação de vídeo.)

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Os policiais abriram, coronel. Eles estavam posicionados, os criminosos estavam em cima da rampa. Quando a polícia abre, eles descem a rampa do Congresso e atacam o prédio do Supremo Tribunal Federal. Acredito que, nesse horário, o senhor já estava lá. Eu quero fazer uma pergunta: quem determinou essa abertura das tropas, ou foram autônomas?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Pelo que foi noticiado na imprensa, que eu vi aí, foi o major Flávio que determinou. Ele foi ajudar o comandante-geral, que estava sendo agredido dentro do Palácio do Planalto.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – O senhor não participou dessa tomada de decisão nem poderia?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não participei nem vi. Eu não vi essa situação.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – O senhor não tinha visto essa cena?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não tinha visto. Eu fiquei surpreso quando eu vi isso na imprensa.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Mas o senhor concorda comigo que essa decisão foi, no mínimo, perigosa?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – É uma decisão difícil, porque você, baseado na hierarquia e disciplina, está recebendo informação de que seu comandante-geral está correndo risco de vida. É uma decisão difícil.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Diria que é uma decisão...

(Soa a campainha.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está com a palavra, por 15 minutos,

a deputada Paula Belmonte.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Boa tarde a todos. Que Deus nos abençoe, abençoe o senhor.

Eu vou fazer algumas perguntas. Eu tenho menos tempo que outras pessoas, talvez repita algumas perguntas. Eu gostaria que o senhor respondesse o mais brevemente possível para que pudéssemos concluir até dar o meu tempo.

Há quanto tempo o senhor trabalha na Polícia Militar?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Há 29 anos.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Há 29 anos. O senhor comanda o CPR há quanto tempo?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não estou mais no 1º CPR. Eu cheguei lá em maio e fui exonerado em 10 de janeiro.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Maio de 2022?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Antes do CPR, o senhor comandou qual outro...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu fui subcomandante do 3º CPR, que é da região de Taguatinga, Samambaia, Águas Claras; fui comandante do 2º Batalhão de Polícia Militar; fui subcomandante do 1º Batalhão por 3 comandos; fui subcomandante do Batalhão Ambiental...

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Então, o senhor já esteve várias vezes em lugares de liderança?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Sim.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Eu faço uma pergunta para o senhor: nesse tempo em que o senhor esteve no lugar de liderança, alguma vez o senhor deixou o seu contingente de sobreaviso?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu recebi algumas ordens em casos específicos.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Não, eu estou perguntando se o senhor...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu? Eu?

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Se o senhor deixou.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não. Não.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – O senhor, nesse tempo todo, não deixou.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Que eu lembre, não. Que eu lembre, não. Eu sempre fui uma pessoa que sempre gostava de botar efetivo a mais, tanto que, nesse dia, a ordem que eu recebi foi colocar uma companhia de pronto emprego e coloquei a mais.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Então, se o senhor estivesse no subcomando, o senhor não deixaria o efetivo de sobreaviso, o senhor deixaria de prontidão, pelo que o senhor está dizendo aqui.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Isso, mas eu estou falando por mim. Eu não posso falar pelos outros.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Eu estou falando do senhor mesmo. A outra coisa que eu gostaria de saber é que o senhor acabou de falar para o deputado que me antecedeu que o senhor recebeu uma ordem para pegar folga e escalar o major Flávio. De quem foi essa ordem?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, eu não peguei a folga. Eu estava de folga. Eu trabalhei a semana toda, 3 expedientes. Eu trabalhei no final de semana

anterior...

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Eu quero saber quem deu a ordem.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – A ordem foi do coronel Paulo José para escalar um comandante de operação. Aí, eu que escalei o major.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – O senhor também falou, em algum depoimento que algum deputado perguntou a respeito do efetivo, que o senhor acha que o efetivo foi pequeno. Não foi isso que o senhor falou?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Para aquela informação que a gente tinha, naquele momento, para os níveis de risco que havia, para aquelas informações, eu achava adequado. Hoje, vendo tudo o que aconteceu, realmente, poderia ter colocado mais.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – E quem escala o efetivo? O senhor?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, esse efetivo tinha que ser determinado ou pelo comandante-geral ou pelo subcomandante-geral ou o DOP, dividindo...

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Mas o senhor falou aqui que o comandante-geral, normalmente, não entra nessas questões e o senhor disse que... Então, eu posso dizer que quem escala o efetivo é o subcomandante e o DOP, normalmente.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Normalmente, as questões operacionais, em nível de departamento – no caso, do Departamento de Operações –, realmente, são reportadas ao subcomandante.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – O senhor sabia que o coronel Naime está preso há mais de 4 meses? O senhor sabe disso? Ele é seu amigo?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Ele não é meu amigo, mas era meu chefe; e eu fico muito triste com essa prisão.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – E o senhor sabia que o senhor tem oportunidade de liberá-lo hoje?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Como assim?

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Com esse depoimento do senhor, falando a verdade.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu estou falando a verdade, deputada.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Não, eu sei, mas eu estou querendo dizer que o senhor tem essa oportunidade...

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – *Ok.*

DEPUTADA PAULA BELMONTE – ... para poder esclarecer. Há um comandante preso, há mais de 4 meses; há o major Flávio, que também está preso. O senhor está tendo a oportunidade de fazer um serviço não só para o Distrito Federal, mas para o Brasil. O senhor tem essa oportunidade, hoje.

Eu gostaria de fazer mais uma pergunta sobre algo que me chamou a atenção. O senhor disse que a Polícia Militar prendeu mais de 400 pessoas. Foi isso?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Foi isso mesmo.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – O senhor disse também que 182 foram presas no Palácio do Planalto?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Lá dentro do Palácio do Planalto.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Lá dentro do Palácio do Planalto. No Congresso Nacional vocês prenderam quantas pessoas?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não tenho esse número

porque eu estava no Palácio do Planalto. Aí, quando foram conduzidos os presos, eu coordenei com um oficial essa logística, para ele ir na frente. Depois, fui mantendo contato com ele e informando.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Onde eles foram presos? No STF?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eles foram presos no STF, no Palácio do Planalto, e alguns foram condu... porque os ônibus estacionaram em frente ao Palácio do Planalto. Então, iam saindo de dentro do palácio e vindo dos outros pontos para entrar nos ônibus.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Do jeito que o senhor está falando, eu posso entender que muitos manifestantes não vieram lá de cima? Vieram direto dos ônibus para entrar no Palácio do Planalto?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não. Não tenho essa informação. O pessoal que invadiu os prédios foram os manifestantes que combateram a Polícia Militar e venceram o Choque.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Sim. Mas eu também posso concluir que, se vocês prenderam 400 manifestantes e metade foi no Palácio do Planalto, e metade é o tamanho do Palácio do Planalto em comparação ao Congresso Nacional, nós podemos dizer que a Polícia Legislativa do Congresso Nacional foi mais eficiente que a Guarda Nacional do Palácio do Planalto?

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu não tenho essa informação.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Mas é isso que o senhor está me dizendo.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Não, eu estou falando...

DEPUTADA PAULA BELMONTE – É só fazermos a conexão.

MARCELO CASIMIRO VASCONCELOS RODRIGUES – Eu tenho a informação da Polícia Militar.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Foi mais fácil entrar no Palácio do Planalto do que no STF ou no Congresso Nacional, porque quase a metade das prisões foi no Palácio do Planalto, e ele tem praticamente a metade do tamanho do Congresso Nacional. Então, a polícia do Congresso Nacional e a do STF foram mais eficientes do que a polícia do Palácio do Planalto e a Guarda Nacional.

Olha só como as coisas vão se encaixando. Aqui está sendo dito que a metade das prisões... Eu digo isso, coronel Marcelo, porque estou sentindo o senhor uma pessoa séria, comprometida, que não gosta de duas palavras, de duas medidas. Eu sinto isso! Esta é a realidade: muitos de nós, homens e mulheres que nunca tivemos medo, hoje estamos com medo de falar a verdade.

Metade das pessoas presas estavam no Palácio do Planalto. Houve facilitação, como foi dito aqui. Foi facilitada a entrada desses penetras. Como o senhor deixou bem claro, havia duas categorias de manifestantes. Havia os que estavam se manifestando e estavam rezando, sim! Muitos deles. E havia os manifestantes criminosos.

Esta CPI, por duas vezes, deixou de convocar uma das pessoas mais importantes: uma testemunha ocular. Só não a convocou, porque ela porta uma arma, que é a máquina fotográfica, com a desculpa do sigilo da fonte. Uma verdadeira falácia

Aproveito este meu tempo para dizer ao governo federal que ilha da fantasia é o governo do Lula. Ilha da fantasia é querer falar para todo brasileiro que o presidente da República não foi condenado em 3 instâncias. Ilha da fantasia são os ministros deste governo andando em avião da Força Aérea Brasileira de um lado para o outro nos finais de semana. Ilha da fantasia é ter um ministro-chefe da Casa Civil que responde à investigação sobre a compra de mais de 300 respiradores que custaram 48 milhões e ninguém sabe disso. Ilha da fantasia é ter um gabinete paralelo em que o sogro atende. Esses são os ministros do STF. Ilha da fantasia é receber um ditador enquanto milhares e milhares de pessoas estão passando fome e dizer à população que não existe nada, que o ditador é um democrata.

O Distrito Federal é uma realidade, a realidade de 3 milhões de brasileiros, a realidade da Polícia Militar que precisa, sim, parar com a intervenção política. Nós precisamos da Polícia Militar para cuidar desta capital, deste centro que é uma realidade para a interiorização do nosso país.

Comandante Casimiro, nós precisamos nos unir como cidadãos de bem para não ter medo de falar que o Distrito Federal, o patriotismo e a família são realidades do Brasil. A Polícia Militar do Distrito Federal, como disse o interventor, foi colocada numa emboscada – eu ouvi isso da boca dele. O que nós precisamos saber é quem a colocou na emboscada. Agora estamos vendo que o Palácio do Planalto foi o lugar em que mais penetras entraram. Muitos deputados aqui votaram contra o requerimento para descobrir quem eram esses penetras e vândalos no Palácio do Planalto. Essa é a realidade. A ilha da fantasia continua com o governo Lula dizendo que todo brasileiro vai ter picanha enquanto 400 mil pessoas não estão sendo atendidas no Bolsa Família. Essa é a realidade.

Peço ao senhor, visto que terá oportunidade mais vezes não só aqui na CPI, mas em outros locais, que o senhor possa ser justo. Espero que todos os parlamentares entendam que estamos fazendo um trabalho com muita seriedade, com muito compromisso, mas tem gente que está presa, gente que serviu o Distrito Federal, que é a realidade de Brasília, a capital do país, mas também serviu o nosso país.

Que Deus abençoe o senhor e esta CPI.

Obrigada.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Às pessoas que estão assistindo a nós a verdade tem que ser posta.

Nós recusamos por 2 vezes o requerimento da convocação de um jornalista, um repórter fotográfico da Reuters, um repórter fotográfico da Reuters que estava dentro do palácio fotografando, cumprindo a missão dele. E esta CPI não vai convocar jornalistas! Jornalista já apanha tanto! Sofreram tanto no governo do Capitão Capiroto! Quantas vezes mulheres e jornalistas foram destratados! Quantas vezes jornalistas apanharam de seguranças!

Portanto, nesta CPI, jornalista não será convocado! O requerimento foi submetido à apreciação nesta CPI por duas vezes, e nós o rejeitamos. E se apresentarem novamente será rejeitado! Jornalista tem o direito sagrado de trabalhar! E cabe a nós respeitarmos o direito deles! Jornalista não é obrigado a dizer a fonte! O jornalista fotografou, ele fez o trabalho dele e, jamais, ele será convocado por esta CPI para dizer porque ele estava fotografando lá dentro. Inclusive, correndo risco de vida, como o coronel correu também.

Portanto, ele não será convocado.

Coronel, eu quero agradecer a sua presença. Eu gostaria de dizer que a sua participação foi esclarecedora e dizer também do comportamento exemplar do seu advogado que, em nenhum momento, interferiu nas questões colocadas aqui com relação às suas respostas.

Está de parabéns também o senhor pelo seu comportamento exemplar que deu aqui – de jornalista.

Portanto, muito obrigado, coronel.

Obrigado a todos os deputados e deputadas por suas presenças nesta reunião.

Tendo cumprido a pauta e nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a 15ª Reunião Ordinária desta CPI, às 17h42min.

Está encerrada a reunião.

(Levanta-se a reunião às 17h42min.)



Documento assinado eletronicamente por TATIANA DE AMORIM PACHECO - Matr. 16872, Consultor(a) Técnico - Legislativo, em 06/06/2023, às 15:45, conforme Art. 22, do Ato do Vice-Presidente nº 08, de 2019, publicado no Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal nº 214, de 14 de outubro de 2019.



Documento assinado eletronicamente por **MIRIAM DE JESUS LOPES AMARAL - Matr. 13516, Chefe do Setor de Taquigrafia**, em 06/06/2023, às 15:53, conforme Art. 22, do Ato do Vice-Presidente nº 08, de 2019, publicado no Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal nº 214, de 14 de outubro de 2019.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site:

http://sei.cl.df.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0

Código Verificador: **1204931** Código CRC: **64282EB4**.

Praça Municipal, Quadra 2, Lote 5, Piso Inferior 1, Sala TI-3– CEP 70094-902– Brasília-DF– Telefone: (61)3348-9241
www.cl.df.gov.br - setaq@cl.df.gov.br

00001-00008706/2023-96

1204931v56